

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Iniciando o novo ano .....	1
A Palavra de Deus na Comunidade Cristã	
<i>Discurso do Santo Padre aos participantes da VI Semana     de atualização pastoral em Roma. 14-9-1956</i> .....	3
Colaboração dos Religiosos nas Santas Missões	
<i>Pe. Francisco Ferreira, C. SS. R.</i> .....	13
A formação dos Religiosos para o apostolado da Boa Imprensa	
<i>Dr. Frei Evaristo P. Arns, O. F. M.</i> .....	18
Por um mundo melhor	
<i>Pe. Zacarias Carboni, S. V. D.</i> .....	25
Ainda sôbre o celibato eclesiástico	
<i>Pe. Frei Marcelino de Milão, O. F. M. Cap.</i> .....	31
Marcha de uma idéia — Formação de Catequistas nas Escolas Normais	
<i>Pe. Frei Aurélio Stulzer, O. F. M.</i> .....	39
A colaboração que as Religiosas podem prestar na obra de preservação da fé na América Latina	
<i>D. Bernardo Kaelin, Abade Primaz O. S. B.</i> .....	42
São João de Deus e sua obra	
<i>Por um Religioso da Ordem Hospitaleira de São João de Deus</i> .....	45
Relatório do Centro Catequético Diocesano de Ribeirão Preto	
<i>M. Maria da Encarnação Baxa, O. S. U.</i> .....	49
Parecer sôbre desapropriação	
<i>Dr. Fernando Petronillo Caldas</i> .....	52
Do Serviço de Procuratórios	
<i>Antônio Leopoldino</i> .....	55
Novas fundações .....	57
Comunicações .....	59
Bibliografia .....	63



COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

## INICIANDO O ANO NOVO

As festas natalícias e o comêço do ano novo trazem-nos sempre o ensejo de uma aproximação de almas e de corações, de afetos e de ideais, quase num abraço fraternal que tem sua razão íntima na paz que o Deus Menino nos enviou das alturas do céu. E' a mensagem de Belém que ainda ressoa no mundo, e principalmente entre estas almas "de boa vontade", neste exército de religiosos e religiosas que da glória de Deus e da paz aos homens fizeram sua missão de apostolado e seu ideal de vida.

Aos votos de paz, de bem e prosperidade que de tôda parte lhe foram enviados, a Conferência dos Religiosos do Brasil responde não sómente agradecendo, mas retribuindo e a todos enviando a sua palavra e sua mensagem habitual, mensagem de união, de colaboração plena e eficiente entre irmãos, que lhe vem dessa realidade completa do amor de Cristo que nos uniu num só coração.

Cada ano que finda é o início de outro que se inicia com as mais risonhas esperanças e os mais firmes propósitos; cada ano que morre é uma etapa vencida na contínua ascensão a um degrau superior, onde outra ascensão se inicia, que nos há de levar ao alto, ao bem e à perfeição que professamos.

Se o ano que termina foi um ano de grandes atuações e muitas vitórias alcançadas pela C. R. B., estamos certos que mais será realizado e mais será alcançado no ano que se inicia. Se o ano de 1956 foi ano de consolidação e de expansão para a Conferência, o ano de 1957 verá, se Deus quizer, o princípio de uma série regular de encontros de Superiores e Superiores Maiores. Se o II Congresso dos Religiosos foi a nota característica de 1956, a continuação das sessões do Congresso, através de semanas e de cursos de estudo em tôdas as secções estaduais, será a nota característica de 1957.

A realização do Congresso dos Religiosos em São Paulo, no mês de

2.º Ao povo que lê bem mas sabe pouco, devemos dedicar atenção especial. Algumas editôras possuem gramático que revê minuciosamente todo manuscrito. Como a polícia impede a outros de falsificar ou deteriorar a mercadoria, assim nós próprios teremos de controlar-nos para que nossa doutrina não se revista de roupagem esfarrapada ou mal acomodada. No final de nossa exposição, voltaremos ao assunto, quando apontarmos alguns meios para a formação de um corpo de redatores. Mas, fica em pé a sugestão.

3.º — Para os leitores mais preparados e para a literatura destinada aos religiosos e ao clero, não nos resta outra saída senão recorreremos a uma equipe de teólogos que sejam responsáveis pela escolha e não só pela censura do que se publica nesta matéria. Todo o diletantismo neste campo é uma afronta direta a Deus que se revelou.

## II — FORMAÇÃO TÉCNICA

a) — O Diretor ou Editor não é figura decorativa em nossos estabelecimentos. E' o homem que entende de tudo até dos pormenores, embora nem sempre o manifeste; é o homem que vê tudo, mais para animar que para repreender; é o homem que responde pelo funcionamento harmonioso de toda a complexa máquina editorial. Além das qualidades naturais de chefe deve ele possuir um curso, porque do contrário não adianta formar seus auxiliares. Um general não preza as lições de seu capitão. Felizmente, existem tais cursos. Por ex., na Fundação Getúlio Vargas, Escola de administração de Empresas, São Paulo, Rua Martins Fontes, 109, sala 801. Esta aliás mantém um Curso de Formação, outro intensivo. O primeiro é de nível universitário e se prolonga por quatro anos; o segundo destina-se às pessoas que já possuem experiência na atividade comercial e pode ser absolvido em três meses. O próximo terá início em setembro. Mediante teste, todo diretor de empresa poderá inscrever-se nele. Eis as cadeiras:

Produção

Mercadologia

Administração

Legislação fiscal

Legislação trabalhista

Contabilidade.

Além do IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho) merece a atenção outro curso que visitamos e que de alguma maneira nos agra-

## A PALAVRA DE DEUS NA COMUNIDADE CRISTÃ

DISCURSO DO SANTO PADRE PIO XII AOS PARTICIPANTES DA  
VI SEMANA DE ATUALIZAÇÃO PASTORAL EM ROMA,  
AOS 14 DE SETEMBRO DE 1956 (1).

De todo coração vos damos as boas vindas, Veneráveis Irmãos e queridos filhos que estais tomando parte na "VI Semana Nacional de Atualização Pastoral" na Cidade Eterna. Sabemos que ao escolher êste ano Roma para sede de vossas reuniões, vosso centro quis tributar homenagem filial à Nossa pessoa, e, ao mesmo tempo, testemunhar seu desenvolvimento e afirmar sua vontade de estender sua influência do modo mais amplo possível. E na verdade é próprio desta alma Mater, Roma, o comunicar às obras que, mesmo nascidas em regiões longínquas, a ela ficam ligadas pelo mesmo espírito, quase o sêlo da universalidade, como troca do mérito que delas lhe provém.

Nas informações que tivestes a bondade de enviar-nos, lembra-se que o "Centro de Orientação Pastoral" surgiu em Milão, em setembro de 1953, no seio do Instituto de Estudos Superiores "Didascaleion". Enquanto, num primeiro tempo, destinava-se sómente à diocese Ambrosiana, sentiu-se logo a necessidade de difundí-lo em tôda a Itália com uma tríplice finalidade: 1.º — Atualizar o Clero e o Laicato católico quanto aos movimentos que tendem a fazer reflorecer a vida cristã, ilustrando seu profundo valor à luz da teologia dogmática e moral, da sociologia e da história; 2.º — Estudar as disposições diretivas que devem ser tomadas e os meios práticos que devem ser usados, para uma ação brilhante e fecunda; 3.º — Realizar um acôrdo de coordenação da ação pastoral, que na Itália suscita problemas de caráter geral. O próprio Centro tem um órgão trimestral: "Orientações Pastorais", que tem a função de "orientar — atualizar — coordenar", e promove, sobretudo, as "Semanas Nacionais de Atualização Pastoral", das quais a presente, que é a sexta, tem por tema fundamental "A palavra de Deus na Comunidade cristã"; tema que por sua vez se subdivide em múltiplos argumentos especiais. E' uma riqueza, diríamos quase superabundante, de questões e de problemas, que são tratados cada um por insignes relatores; problemas que tocam os pontos vitais do apostolado e cuja reta solução aumentará o tradicional vigor àquele instrumento primordial da fé que é a pregação.

(1) "L'Osservatore Romano", 15-9-1956

Acolhendo vosso pedido, propomo-nos acrescentar algum pensamento às vossas tão doutas e sábias dissertações e lições sobre a Palavra de Deus no ministério pastoral, e como meio para o renascimento cristão do mundo e para a salvação da alma do homem moderno; o homem moderno — queremos dizer — intimamente sedento da palavra de Deus e de sua verdade. Quando esta ressoa genuína, parece que o silvo das máquinas, os gritos das multidões, os gemidos da dor, o ulular das paixões, suspendem repentinamente seu ruído ensurdecedor, e no espírito, rodeado de uma zona salutar de silêncio, deslisa o veio restaurador da esperança.

Nós portanto não tencionamos expor diante de vós como o anúncio da palavra de Deus deva ser em concreto apresentado e adaptado às condições de lugar, tempo e pessoas, no que diz respeito aos problemas modernos, aos modernos sentimentos, à mentalidade moderna, à linguagem moderna. Mas acima de tudo isto — ou melhor, como seu fundamento — há outro elemento, mais profundo, que encontramos também em vossas linhas diretivas, sobre o qual queremos chamar vossa atenção. Nós vemos nele não sómente uma última orientação, mas também, para o sacerdote como para o leigo, uma íntima libertação, uma segurança, uma defesa contra a indiferença e a exterioridade. O próprio Senhor pregou a palavra de Deus; à sua imitação prega-a a Igreja através dos séculos. Por isso tomamos como objeto de Nosso discurso de hoje: a pregação da palavra de Deus na comunidade tem sua regra e sua última orientação, 1.º) na pregação de Cristo e 2.º) na da Igreja.

## I — PREGAÇÃO DO SENHOR E PREGAÇÃO DO SACERDOTE

Quando nós, revivendo em piedosa meditação o Evangelho, nos colocamos em espírito entre a multidão apinhada ao redor do divino Mestre no ato de anunciar a Boa Nova, impressiona-nos antes de tudo como Ele sabia transfundir sua alma na palavra, juntamente com a inexaurível riqueza de sua sabedoria e de seu amor, de modo que sua mesma palavra torna-se espelho fiel de sua Pessoa. Portanto a pregação de Cristo tem uma caráter pessoal, de imensa eficácia.

1) — O caráter pessoal da pregação do Senhor. Este caráter pessoal mostra, primeiramente, uma absoluta clareza e segurança da mente e uma absoluta determinação e firmeza da vontade. O Senhor dá-se todo e inteiramente a anunciar a palavra de Deus. “Mea doctrina non est mea, sed eius qui misit me... Qui a semetipso loquitur, gloriam propriam quaerit; qui autem quaerit gloriam eius, qui misit eum, hic verax est, et iniustitia in illo non est” (Io. 7, 16, 18).

Um segundo sinal característico é sua dedicação ao serviço das almas. "Misereor super turbam!" (Marc. 8,2). Muito significativa a êsse respeito é a parábola do bom Pastor (Io. 10, 1-21). "Ego sum pastor bonus. Bonus Pastor animam suam dat pro ovibus suis". Ele dava-se aos homens e às almas na pregação sempre renovada da Palavra de Deus: indo de lugar em lugar, de cidade em cidade (Luc. 4, 42-43), ou ficando no mesmo lugar (Marc. 8, 2), nas sinagogas (Luc. 4, 15), no templo, nas ribeiras do lago (Luc. 5, 1) ou num barco sôbre o mar (Marc. 4, 1), nos montes (Matth. 5, 1; 15, 29); êle curava os doentes, ressuscitava os mortos, acumulava milagres sôbre milagres, para que os homens cressem em sua palavra, e para que assim a semente da palavra de Deus lançasse raízes em suas almas e produzisse frutos (cfr. Luc. 8, 11-15). Dos lábios do Senhor brotavam as parábolas e as comparações, com as quais êle revestia a Palavra de Deus, a fim de que ficasse impressa no coração dos homens e os levasse à reflexão. De tal modo o anúncio da Palavra de Deus era impellido no Senhor por um imenso, incansável e operoso amor para as almas.

Como terceiro elemento característico encontramos uma tranquilidade de juízo e uma íntima independência do agrado como do desagrado, do favor como do desfavor dos homens. Com sua aberta reprovação da vanglória e da ambição dos escribas e dos fariseus, êle mostrava seu completo desapêgo do aplauso do povo e das classes dirigentes (Math. 23, 1-36). A multidão, vendo o prodígio operado por Jesus, queria fazê-lo Rei; mas êle fugiu e se retirou sózinho para a montanha (Io. 6, 15). Êle experimentou o Hosana da entrada solene e o Crucifige da Paixão com plena superioridade de espírito; não se deixou exaltar por um nem deprimir pelo outro (Marc. 9, 11; Luc. 19, 37-40; Io. 19, 6-15).

Êsses breves esboços sôbre o caráter pessoal do Redentor ao anunciar a Palavra de Deus sirvam ao sacerdote de lição para a sua disposição interna na pregação da mesma Palavra!

2) — **A pregação do Senhor quanto ao seu conteúdo.** Lançai agora um olhar rápido ao conteúdo da pregação do Senhor, para tornar próprios em vós os caracteres e o objeto, de modo que vossa palavra seja digna de fiéis embaixadores de Cristo.

a) — Aos ouvintes o Senhor, antes de tudo, inculcava, como disposição de alma e de coração para receber frutuosamente seus ensinamentos, a seriedade moral, com a qual o homem deve se aproximar da revelação e das exigências divinas que não admitem leviandade ou superficialidade (Matth. II, 16-17; 7, 21); depois a retidão e a sinceridade de coração que exclui tôda hipo-

crisia e fingimento (Matth. 11 6; Luc. 12, 1); o zelo para o Reino de Deus, que é inconciliável com a passividade ociosa (Matth; 7, 13; 25, 21; 23, 30); a vigilância constante (Matth. 25, 13; Marc. 13, 35-37); a adesão consciente e firme à palavra e à vontade de Deus (Matth. 7, 21; 19, 17; Luc. 11, 28).

Nos corações assim preparados o Senhor derramava a abundância dos mais altos ensinamentos.

Ele queria estreitar os homens num vínculo cada vez mais profundo com o Pai que está nos céus; e por isso infundia neles, por uma parte, temor perante a Sua infinita majestade (Matth. 10, 28), por outra parte, confiança incondicional e amor filial acima de tôdas as outras coisas (Matth. 6, 9; 22, 37). Os homens devem sentir-se em segurança no pressuroso e previdente amor do Pai celestial, e portanto não devem se afanar excessivamente no cuidado dos bens materiais (Matth. 6, 25.33).

b) — Mas, além disso, a pregação do Senhor inspirava aos corações a união com Cristo: a fé em Cristo, a confiança, o amor de Cristo, a incondicional doação a Cristo e por Cristo (Matth. 10, 32-39), a sua imitação. Cristo é o centro da pregação. Quem lê a pregação de Cristo nos Evangelhos acha que separar a Cristo da pregação da Palavra de Deus seria alterar e falsificar sua substância. Portanto Cristo é inseparável também da pregação do Sacerdote no ministério pastoral, conforme a exortação do Apóstolo São Paulo: "Nos autem predicamus Christum Crucifixum (1 Cor. 1, 23), Non enim nosmetipsos praedicamus, sed Iesum Christum" (2 Cor. 4, 5).

Em todo o objeto restante da pregação de Cristo restringir-nos-emos a nomear simplesmente — além de Suas grandes promessas (o céu, a Eucaristia, a ressurreição, a vida eterna) — os deveres de que falava, para conhecermos assim aquilo de que Ele tratava, como o apreciava, como o sublinhava, para que o Sacerdote na cura pastoral nunca perca de vista os mesmos argumentos, mas os expresse em tempo oportuno em suas práticas, lembrando-se dêste pensamento: O Senhor agiu assim.

Ora, entre aquêles preceitos encontramos, antes de tudo, o dever da oração (Luc. 18, 1; Matth. 7, 7); o dever da humildade interna e externa com a reprovação de todo o orgulho e arrogância (Luc. 14, 11; 18, 14; Math. 11, 19); o dever da abnegação e do sacrifício; o dever do domínio sôbre as paixões (Matth. 5, 30); o dever de levar a cruz após o Senhor Crucificado (Luc. 9,23); o dever de tender para a perfeição (Matth. 5, 48); o grande dever do amor ao próximo, semelhante ao primeiro máximo preceito do amor a Deus (Matth. 22, 39); o dever da submissão à Igreja e à Autoridade estabelecida por Cristo (Matth. 18, 17; Luc. 10, 16); o dever da santidade e da indissolubilidade do matrimônio; a doutrina e o fato da superioridade e da preeminência

da virgindade sôbre o matrimônio (Matth. 19, 3.12); a doutrina a respeito do Juízo e da recompensa de Deus para cada homem conforme suas obras (Matth. 6, 4. 6, 18; 16, 27; 25, 34-36. 41-43); a doutrina da inesgotável misericórdia de Deus em perdoar a culpa e a pena, enquanto dura para cada um o tempo da vida aqui na terra (Luc. 15, 1-7. 8-10; 5, 20-24; Io. 20, 23).

Tudo isto nos leva a comparar a pregação do Sacerdote com a do Senhor e, de tal forma, a haurir da pregação de Cristo a mais alta direção e a suprema regra para a "Orientação pastoral" e a "Atualização pastoral".

## II — PREGAÇÃO DA IGREJA E PREGAÇÃO DO SACERDOTE

Devemos agora dirigir nossa atenção à segunda parte do tema anunciado no comêço, e sob um tríptico aspecto: 1) A missão da Igreja na pregação da Palavra de Deus; 2) A execução desta missão no decurso da história; 3) A execução da mesma missão no tempo presente.

1) — A missão da Igreja na pregação da Palavra de Deus. A Teologia fundamental e a Dogmática oferecem, quando falam da Igreja, amplas dissertações e fontes de argumentação acêrca de seu Magistério, esclarecendo-lhe a natureza, a origem, o objeto direto e indireto, as prerrogativas, a atividade em suas várias formas. Disto porém é supérfluo tratar diante de vós a quem, como teólogos, tudo é já muito conhecido. Quereríamos portanto tomar outra via e, quase em continuação da primeira parte de Nosso discurso, mostrar como a missão da Igreja, pela pregação da Palavra de Deus, é a continuação da pregação de Cristo, seja no seu conteúdo ("veritas Christi") como em sua finalidade, e nas exigências de Cristo a respeito do procedimento dos homens.

Do clássico texto a respeito da faculdade e obrigação da Igreja de ensinar "Euntes docete omnes gentes... docentes eos servare omnia quaecumque mandavi vobis" (Matth. 28, 20), queremos sublinhar sómente um ponto: os Apóstolos (e nelcs a Igreja) devem anunciar aquilo que o Senhor anunciou, e devem ensinar a observar tudo o que êle lhes mandara crer e fazer. Nos Atos dos Apóstolos lê-se que o Senhor, antes de subir ao céu, instruiu novamente os Apóstolos sôbre a missão que os esperava e sôbre as armas que lhes teria dado para seu desempenho. "Eritis mihi testes... usque ad ultimum terrae" (Act. 1, 8). Os Apóstolos deviam ser testemunhas d'êle, de sua doutrina, de sua vida, de sua paixão, de sua ressurreição. Para torná-los aptos a tal testemunho, haviam de ser batizados no Espírito Santo ("baptizabimini Spiritu Sancto" Act. 1, 5); êles teriam recebido a fortaleza do Espírito Santo que viria sôbre êles ("accipietis virtutem supervenientis Spiritus Sancti in vos" Act. 1, 8). Êstes breves acenos já esclarecem a idéia da missão da Igreja na pregação da Pala-

va de Deus num aspecto um pouco diverso, e o aprofundam mais do que soi comumente apresentar a Teologia fundamental, a qual, procedendo teóricamente, não costuma colocar em primeira linha a realidade vivente. Mas o pleno sentido de quanto desejamos agora dizer, Nós procuramos recolhê-lo dos lábios do próprio Salvador em seu sermão de despedida, no qual o Redentor manifesta, em afetuoso colóquio, seu pensamento a respeito da missão que confiava aos Apóstolos e por êles à Igreja.

O Senhor estava no final de sua vida terrena; aos que deviam continuar sua missão êle teria ainda muitas coisas para dizer; mas no estado em que êles se encontravam, não podiam suportá-las (Io. 16, 12); por isso rogaria ao Pai que enviasse um outro "parácleton" para que ficasse sempre com êles, o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece (Io. 14, 16-17). Este Auxiliar, êste Espírito Santo, teria ensinado tudo aos Apóstolos e lembrado quanto lhes dissera, isto é, tóda a Veritas Christi (Io. 14, 26). Assim teriam sido aptos para continuar o anúncio da palavra de Cristo no espírito de Cristo. Êles receberam tudo o que teriam de ensinar, da força e da autoridade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. — E de tal modo vós tendes, caríssimos filhos, uma chave para a compreensão e o apreço da pregação da Igreja; pregação da doutrina de Cristo mediante os mestres da Igreja, o Papa, e os Bispos em comunhão com êle. E' o Deus uno e trino que através do magistério eclesiástico comunica verdade, luz e vida.

Estas considerações, longe de tornarem supérflua a sistemática exposição e os claros limites da Teologia científica acêrca da origem e das qualidades do Magisterium ecclesiasticum, induzem-na, pelo contrário, a evitar aquelas falsas interpretações e ilações arbitrárias que ainda de recente têm sido propostas por alguns. Mas elas são ao mesmo tempo um auxílio para estimar mais altamente a pregação da Igreja e prestar-lhe maior atenção, para acolhê-la mais prontamente, enquanto fazem melhor compreender o que dela se irradia: verdade, luz e vida que vêm das profundidades de Deus.

2) — A execução desta missão no decurso da história. Não se trata aqui de expor um compêndio da história da Igreja. De nossa parte não pretendemos neste ponto se não examinar uma questão:

Foi a pregação da Igreja, fundada na verdade, cuja missão de ensinar o Senhor lhe deu, e sustentada pelo Espírito Santo, em todos os tempos, sucessivamente, adaptada ao homem moderno e ao seu tempo? Para responder a esta pergunta, é necessário volver um olhar ao passado.

O que o Salmista diz do Espírito Criador e que a Igreja aplica na sua oração ao Espírito Santo, vemo-lo realizado pela sua pregação no decorrer dos séculos: "Emitte spiritum tuum et creabuntur, et renovabis faciem terrae".

A Igreja, que difundiu no mundo a verdade de Cristo com a força do Espírito Santo, renovou a face da terra, não sómente uma vez, mas de maneira sempre repetida. Em sua obra de magistério superou, durante quase dois milênios, a prova da realidade e da vida. Demonstram-no os primeiros tempos do cristianismo em meio ao mundo pagão e ao culto dos falsos deuses; os tempos da queda do Império romano e de sua civilização; os tempos das invasões de novos povos e de novas raças; a Idade Média com sua florescência cristã; o tempo de um novo paganismo; o tempo da infeliz cisão da fé no Ocidente; o tempo do iluminismo, e assim por diante. Em tôda parte e sempre o fim e o êxito da pregação da Igreja foram: fazer do homem o cristão, infundir no homem a verdade, a vida e a riqueza da graça do Senhor. Nêste sentido a pregação da Igreja demonstrou-se adaptável e adaptada a todos os homens, tempos e civilizações.

E' bem conhecido entre quais lutas e perseguições esta pregação da Igreja foi avançando no decorrer dos séculos; como se revesaram vitórias e derrotas, altos e baixos, heróicas confissões com o sacrifício dos bens e da vida, como também em alguns de seus membros quedas, traições, cismas. Um testemunho da história é unicamente claro: "Portae inferi non praevalerunt" (Matth. 16, 18); mas não falta também outro testemunho; também as portas do inferno tiveram seus êxitos parciais. De certo, quando se pensa na riqueza da verdade e da graça, com que o Senhor dotou a Igreja para o desempenho de seu magistério, poderíamos supor que seu caminho através dos séculos não foi senão uma contínua, salutar e pacífica vitória. Mas os acontecimentos desenvolveram-se de outro modo, isto é, como o próprio Salvador predissera aos Apóstolos: "O servo não é mais que o seu senhor. Se me perseguiram a Mim, hão de perseguir também a vós", "se o mundo vos odeia, sabeí que antes de vós odiou a Mim" (Jo. 15, 18-20). Portanto esforços e lutas, perseguições e opressões; mais uma Via sacra que um solene avançar entre hosanas jubilosos; mas assim continuando, mediante a verdade e a força do Espírito Santo, a Igreja conquistou a mente e o coração de inúmeros homens.

3) — A execução da missão no presente. Quanto dissemos do passado quereríamos extendê-lo também ao presente. Um "Centro de Orientação pastoral" com a finalidade de "atualização pastoral" é justo e em muitos casos necessário. O "sacerdote com cura de almas" pode e deve saber o que afirmam a ciência moderna, a arte e a técnica moderna, no que dizem respeito ao fim e à vida religiosa e moral do homem; o que é religiosa e moralmente admissível, o que é inadmissível, o que é indiferente. Temos, pois, também para o presente, que repetir o que dissemos para o passado: há uma igual (e hoje até maior) necessidade de uma "atualização pastoral" — queremos dizer:

adaptação — à pregação da Igreja, (o “vivum Magisterium ecclesiasticum”), como ainda uma “atualização pastoral” às ciências modernas; devemos até dizer que no momento presente há uma maior necessidade da “orientação” das próprias ciências modernas (naquilo que atinge o campo religioso e moral) ao magistério da Igreja, como, de outro lado, de uma orientação do magistério da Igreja às ciências modernas (sem prejuizo da autonomia das mesmas ciências, enquanto elas não atingem, nem direta nem indiretamente, o campo religioso - moral, e enquanto nada venha a sofrer o ordenamento da vida humana ao último fim sobrenatural). Ora, a nós importa tornar mais consciente e reforçar a convicção pessoal da necessidade de tomar e manter êste contacto com o magistério da Igreja, para torná-lo de tal modo adaptado ao tempo e ao homem contemporâneo. A Igreja possui em si as armas que Cristo lhe deu: a verdade de Cristo e o Espírito Santo. Assim armada, ela tem sua mão no pulso do tempo, e os fiéis devem ter as suas no pulso da Igreja, para serem retamente orientados e poderem encontrar e dar um diagnóstico e prognóstico certo sôbre o tempo acêrca da eternidade.

A Encíclica *Humani generis* de 12 de agosto de 1950, “De nonnullis falsis opinionibus, quae catholicae doctrinae fundamenta subruere minantur” (Acta Ap. Sedis, a. 42, 1950, pág. 561 ss.) é, em não pequena parte, a refutação de uma falsa “Orientação” e “Atualização” da teologia, filosofia e exegese, a modernas e não muito fundadas correntes e tendências científicas. Fala-se ali de não justificada inclinação para sistemas filosóficos errôneos, de concessões que alguns mostravam-se dispostos a fazer (evolucionismo, idealismo, imanentismo, pragmatismo, existencialismo, historicismo), como também no campo da teologia e da exegese. A “nova teologia” pretendia assimilar-se ao tempo moderno e tornar para o cientista católico mais natural e fácil o ser católico. Na realidade começou-se a corrigir arbitrariamente aquilo que existia, a suprimi-lo, a mudá-lo, a reconstruí-lo, a mitigar a rigidez e a imutabilidade dos princípios metafísicos, a tornar mais flexíveis as exatas definições dogmáticas, a submeter à revisão o sentido e conteúdo do sobrenatural e sua estrutura íntima, a espiritualizar e modernizar a teologia da Eucaristia, a renovar e aproximar ao pensamento e ao sentimento moderno a doutrina sôbre a redenção, sôbre a natureza e os efeitos do pecado e não poucos outros pontos. Igual movimento apparecera também no campo da exegese. Aqui queriam assumir as idéias e as conclusões das ciências profanas, mas muitas vêzes sem um exame sério e sem ponderação.

Alguns outros exemplos do tempo presente quereríamos agora mencionar, para que cada vez melhor vejais o quanto seja hoje necessário o contacto da “Orientação” e “Atualização” com o vivo Magistério eclesiástico.

A "Orientação moderna" está em relação de vigilância e de crítica não só com a "Nova Teologia", mas também com a "Nova Moral". O pensamento da Igreja sobre este assunto foi por nós exposto em dois discursos, de 23 de Março e 18 de Abril de 1952 (Discorsi e Radiomessaggi, vol. XIV, pág. 19-27, 71-78). Numa matéria afim a Santa Sé pronunciou-se recentemente mediante a Instrução da Suprema S. Congregação do S. Ofício, a respeito da "Ethica situationis", de 2 de Fevereiro p. p. (Acta Ap. Sedis, a. 48, 1956, pág. 144-45), sistema que domina a mente de não poucos, porque tem algo de fascinante, cujo caráter perigoso não é visto claramente por eles. O "Centro de Orientação" acha-se nisso perante um grave dever, se quiser dar uma atualização apoiada sobre bases científicas. A competência e as declarações da Igreja em questões que dizem respeito à lei e à ordem natural, os problemas sociais, o laicismo em seus mais variados campos, como a educação e a escola, a vida do Estado, as relações e o direito internacional; as questões do direito bélico e da guerra moderna; a respeito de tudo isso a S. Sé tem falado, e a Orientação pastoral moderna fará bem ter presentes também estes ensinamentos. Outro ponto não poderíamos deixar passar em silêncio. Particulares circunstâncias no mais recente período da vida eclesiástica nos induziram a dizer, em nossas duas Alocuções ao Sagrado Colégio e ao Episcopado, de 31 de Maio e de 2 de Novembro de 1954 (Ibid., vol. XVI, pág. 41-46 e 245-256), uma palavra sobre o fundamento do Magistério iure divino do Papa e dos Bispos e sobre o ensino dos Teólogos, os quais não por direito divino, mas por delegação da Igreja, exercem sua função e portanto permanecem sujeitos à autoridade e vigilância do legítimo Magistério. Se eles, como Teólogos, estão ativamente interessados na "Orientação" e apresentam argumentos teológicos científicos, poderia apresentar-se a questão, se a palavra dos Teólogos ou a do Magistério da Igreja oferece maior peso e garantia da verdade. A cujo propósito na Encíclica "Humani Generis" se lê: "Quod quidem depositum (fidei)... nec ipsis theologis divinus Redemptor concedidit authentice interpretandum, sed soli Ecclesiae Magisterio... Quare Decessor Noster imm. mem. Pius IX, docens nobilissimum theologiae munus illud esse, quod ostendat quomodo ab Ecclesia definita doctrina contineatur in fontibus, non absque gravi causa illa addidit verba: eo ipso sensu, quo ab Ecclesia definita est" (l. c. pág. 569). Decisiva portanto para o conhecimento da verdade é não já a "opinio theologorum", mas o "sensus Ecclesiae". De outra forma seria fazer dos Teólogos quase "Magistri Magisterii"; o que é um erro evidente.

Isto não impede certamente que os Teólogos e os cientistas procurem dar um fundamento científico a toda uma série de profundas questões da vida. Certamente a S. Sé quer, louva e promove as eruditas pesquisas e as altas

especulações dos Teólogos, que aprofundam as verdades reveladas e não hesitam em considerar, explicar e sustentar as declarações do Magistério eclesiástico com seriedade científica, à luz da razão iluminada pela fé, (Conc. Vatic. Sess. III cap. 4), quer dizer, como afirmava Pio IX, “in sensu Ecclesiae”.

Sobre outras questões particulares que recairiam ainda sob este assunto, relativos à medicina, à psicologia, à pisocoterapia e à psicologia clínica, ao direito, à culpa e à pena, à sociologia, às questões nacionais e internacionais e outras semelhantes, não podemos agora senão remeter aos não poucos discursos por nós proferidos.

A recentíssima Encíclica “De sacra Virginitate” de 25 de Março de 1954, declarou-vos, entre outras coisas, a mente da Igreja acerca das intermináveis discussões dos homens modernos, especialmente dos jovens, acerca da importância, ou melhor, como alguns querem, da indispensável necessidade do matrimônio para a pessoa humana (que sem êle ficaria, como êles julgam, quase um mutilado espiritual), como também acerca da pretensa superioridade do matrimônio cristão e do ato conjugal sobre a virgindade (que não é um sacramento eficaz “ex opere operato”) (Acta Ap. Sedis a. 46, 1954, pág. 10-11).

Nem queremos igualmente deixar de mencionar uma passagem da Encíclica sobre a “Música Sacra”, de 25 de dezembro de 1955, onde está expressamente exposto o pensamento da Igreja a respeito da tão debatida e muitas vezes erroneamente resolvida questão sobre a independência da arte de tudo o que não é arte. Vós bem sabeis quantas vezes, mesmo em meios católicos, este argumento é discutido sem o claro conhecimento dos verdadeiros princípios fundamentais (Acta Ap. Sedis, a. 48, 1956, pág. 10-11).

Estamos assim ao fim desta nossa exortação que desejamos possa ser para o vosso Centro igual ao “fermento, quod acceptum mulier abscondit in farinae satis tribus, donec fermentatum est totum” (Matth. 13, 33). Na verdade vós sereis fermento de salvação para todo o mundo moderno, na medida em que, sob a direção da Santa Madre Igreja, tomardes o vigor inexaurível do Verbo Eterno, o qual se fez carne para tornar os homens participantes de sua divina natureza. Igualmente cada Pastor de almas se aproxima do mundo com a inteligência, a ciência e o coração, não já para ser rebaixado pelo mundo ao seu mesmo plano, mas para lhe comunicar, com a palavra, a verdade libertadora de Deus, a perfeição que transforma a humanidade do Redentor Jesus. E para que possais cumprir com fruto este vosso dever, vos conceda o Senhor um abundante incremento do “espírito de Cristo” e do “espírito da Igreja de Cristo”.

No entanto, como penhor de graça tão insigne, concedemo-vos de coração Nossa paternal Bênção Apostólica.

## COLABORAÇÃO DOS RELIGIOSOS NAS SANTAS MISSÕES

*Pe. Francisco Ferreira, C. ss. R.*

### — I —

As Santas Missões não são outra coisa senão a Redenção continuada que o Filho de Deus opera constantemente no mundo por intermédio de seus ministros. Elas sustentam de certo modo a Igreja e conservam o seu fervor, separam o joio do trigo, confirmam os fracos, corroboram os fortes, levantam os caídos, dissipam os erros e desfazem as fraudes do demônio; numa palavra, pode-se afirmar com razão que as Missões são um dos mais poderosos, para não dizer o único meio de defesa e auxílio para conservar a fé e consolidá-la na pedra que é o Cristo. Por isso entre os maiores benefícios da Divina Providência, deve-se enumerar também, o ter ela determinado nestes tempos depravados e corrompidos, a aplicação dêsse meio tão eficaz para salvar as almas miseravelmente enchafurdadas na lama dos pecados (Santo Afonso nas Reg. e Const. da Congr. SS. R. Cont. I, pág. 40).

Por isso o Código de D. C., no cân. 1349 preceitúa: § 1.º — “Ordinarii advigilent ut, saltem decimo quoque ano, sacram, quam vocant, missionem, ad gregem sibi commissum habendam parochi curent”.

§ 2.º — “Parochus etiam religiosus, in his missionibus instituendis, mandatis Ordinarii loci stare debet”.

A Pastoral Coletiva de 1915, confirmada neste ponto pelo Concílio Plenário Brasiliense de 1939, diz na pág. 306, c. VI cân. 1.428 e 29: “Para remediar os males públicos e particulares, extirpar os vícios e abusos, extinguir os ódios e inimizades, acabar com os concubinatos e outros escândalos em uma paróquia, chamar o povo à obediência dos mandamentos da Lei de Deus e

da Igreja, e estabelecer os bons costumes, não há meio tão eficaz como as Missões, quando pregadas por sacerdotes abrazados do zêlo da glória de Deus e da salvação das almas. Portanto sempre que fôr possível, promovam os Revmos. Párocos, missões paroquiais”.

Mais adiante: “Pelo menos de dez em dez anos, conforme o Código de Direito Canônico. Porém é nosso desejo que, se fôr possível, se repitam as missões paroquiais de cinco em cinco anos”.

De tudo isto se conclúe que as Santas Missões são de uma importância tão grande para uma paróquia, que sem elas mormente nestes nossos tempos será impossível quase a conversão dos pecadores e a confirmação dos justos. Logo, para que de fato as Santas Missões produzam todo o bem que se deseja numa paróquia, é preciso mobilizar a Paróquia inteira para esta grande manobra de Fé.

E quem não enxerga logo que são os Religiosos, Religiosas e Sacerdotes e as Associações Religiosas, como os vanguardeiros de Cristo e da Igreja que mais devam se interessar por elas?

Ficarem indiferentes às Missões seria uma falta grave de graves prejuizos para as almas, verdadeiro pecado de omissão, mormente em se tratando de Religiosos, Religiosas e Padres da Paróquia missionada. Sendo a Missão uma mobilização de tôda a Paróquia, tôda a Paróquia deve tomar parte nela, não sómente o povo em geral, mas todos os setores da Paróquia: os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, seus colégios, escolas, universidades, obras sociais, seus hospitais, como as escolas leigas, os hospitais leigos, os quartéis, as fábricas, etc., etc.

Ao tempo de Santo Afonso as Missões eram pregadas em todos os setores da Paróquia. Durante as Missões, enquanto os fiéis eram missionados, Missionários também eram destacados para pregar retiro ao Clero local e às Religiosas e Religiosos, à Aristocracia (galantuomini), presos, operários, militares etc.

Assim como vimos, é imprescindível a cooperação dos Religiosos e Religiosas na obra missionária.

a) — Valendo a Missão o que vale a sua preparação, a não ser que se exija um verdadeiro milagre, antes de tudo procurem os missionários se entenderem com as Ordens religiosas, sobretudo as locais, para uma Cruzada de orações pelo êxito das Missões.

O Pároco e os Sacerdotes igualmente com o povo e com aquêles que estão confiados ao seu apostolado.

b) — Nos Colégios, nos Hospitais, Obras Sociais etc., preparar e pro-

curar que se interessem e se entusiasmem os alunos, doentes, matriculados, etc., nas missões que estão para chegar, fazendo-lhes preleções, explicações.

c) — Sabendo por experiência da ajuda extraordinária da cooperação das Religiosas paroquiais ou extra-paroquiais visitadoras, deverá o Vigário convidá-las para uns 8, 10, 15 dias antes, conforme a extensão da paróquia e seus habitantes, a permanecerem aquêles dias na paróquia, percorrendo rua por rua, casa por casa, convidando, fichando a família, incitando a casar-se na Igreja agora nas missões, batizar adultos, levar outros filhos à primeira comunhão de adultos, etc., espalhando programas.

d) — Como já se está praticando em missões de certa importância e difíceis, um ou dois missionários visitarão a paróquia para uma pré-missão. O fim é preparar a própria Missão: a) com pregações; b) entrar em contacto com o Vigário, os Religiosos, Colégios, Hospitais, Fábricas, etc. e sobretudo com as Associações Religiosas.

O Vigário, os Sacerdotes, e os Religiosos e Religiosas locais deverão mostrar tôda a boa vontade e colaboração com os "precursores missionários" para formarem dentro, ou mesmo fora das associações, equipes preparatórias das Missões: marcando um grupo para fichar os concubinários e convidá-los, outro para batizados de adultos, mais outros para as primeiras comunhões de adultos; equipes para convite e estímulo: para os intelectuais: médicos, advogados, engenheiros, dentistas, farmacêuticos, professores, universitários, estudantes; equipes para funcionários, industriais, comerciários, bancários, comerciantes, patrões, operários, militares, prêsos, doentes em hospitais e domicílio etc. Melhor será: advogados para advogados, médicos para médicos e assim por diante.

Para os casamentos talvez melhor as associações de senhoras: apostolado, senhoras de caridade, mães cristãs, Licf. etc., assim também para batizados, primeiras comunhões de adultos etc., Para propaganda mesmo tôdas as outras associações o mais possível dentro do seu meio. "O meio pelo meio".

## — II —

A cooperação dos Religiosos, Sacerdotes e Associações paroquiais não deve cessar com a preparação das Missões, mas intensificar-se mais ainda durante as próprias Missões.

a) — Durante as Missões os Religiosos e Religiosas cooperem com os Missionários continuando o seu apostolado de orações, convites, propaganda e ajuda eficiente.

b) — Os Religiosos e Religiosas devem mandar os alunos e alunas de suas escolas e colégios assistir as Santas Missões, melhor seria incorporados como o fazem diversos colégios e escolas de leigos, a pedido dos Missionários e até com licença do Governô: a) começando o turno da manhã um pouco mais tarde para assistirem os exercícios matutinos da Missão (os internos incorporados); b) assistindo o catecismo ou Missão das crianças, pela manhã ou tarde, conforme prévia combinação com os Missionários, e incorporados; c) Os maiores tomando parte nas conferências para os moços ou homens e moços, e assistindo às pregações da noite, os internos incorporados; d) tomando parte nas procissões das crianças, homens e outras a que os missionários julgarem necessário o seu comparecimento; e) tomando parte incorporados nas respectivas comunhões gerais, f) finalmente estando presentes na chegada ou abertura e no encerramento das Missões.

c) O que dissemos, vale também para os Hospitais e Obras Sociais, estando ao lado e à disposição do missionário encarregado, para ajudá-lo, preparando os doentes e os diversos setores das Obras Sociais em prisões, quartéis, fábricas, etc.

d) As Religiosas Missionárias visitadoras deverão permanecer na paróquia durante as Missões, para controlarem e terminarem o trabalho de preparação para a realização dos casamentos fichados, batizados de adultos, e fiscalizarem o resultado de sua propaganda e insistirem se não cumprirem com o compromisso de assistência.

d) As associações religiosas durante as Missões ajudem ao Vigário e aos Missionários em tôda as emprêsas da Missão, continuem o apostolado do convite com a sua assistência e insistência se não assistirem, nos setores que lhes foram marcados e no meio pelo meio, não se esquecendo do próprio meio familiar e de seus amigos e colegas. Os Vicentinos e Senhoras de Caridade não se esqueçam da Assistência aos pobres, preparando-os para as Missões e orientando-os para poderem assistí-las, promovendo até meios de atraí-los: distribuição de víveres, esmolas, etc.

f) Os Sacerdotes deverão esforçar-se para mostrar todo interêsse pela Missão: a) assistindo-as se possível e assim dando o bom exemplo; b) fazendo apostolado convidando seus amigos e o povo em geral; c) ajudando o Vigário e os Missionários no confessionário e distribuindo a Sagrada Comunhão e outros misteres da Missão em que a sua cooperação é útil e quase necessária para melhor êxito das Missões.

Talvez pode parecer êste Relatório um pouco longo. Mas ao saberem quem o fez e que é um missionário de 30 anos de experiência em diversos

Estados do Norte e do Sul do País, percorrendo os rincões mais afastados da civilização até às cidades mais modernas, populosas e de exuberante civilização: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Belém, São Luiz do Maranhão, Niterói e outras maiores ou menores como Petrópolis, Juiz de Fora e Codô do Maranhão, hão de desculpar a prolixidade e compreenderão a sua razão de ser.

Infelizmente notamos em diversas paróquias verdadeiro descaso das Missões por parte de Religiosos, Religiosas e Sacerdotes. Há Vigários que dizem: "O Vigário agora é o Missionário", e deixam tudo por conta dos Missionários e não se movem para ajudar no confessionário e dar a comunhão. O Vigário e Padres da Paróquia só os chamamos em último caso para evitar confissões mal feitas por parte dos paroquianos conhecidos, conforme o sistema de Santo Afonso. Há uns, e até Religiosos, que nem sequer acompanham as procissões gerais do povo e nem sequer aparecem a algum ato das Missões. Se por bem ou por... deixo de dizer. Constatato fatos.

Quanto aos Colégios de Religiosos e Religiosas encontramos também muitas vezes completa negação. Enquanto escolas até Normais e Colégios leigos e do Governo vão assistir os atos das Missões incorporados, os Colégios dos Religiosos primam pela ausência, não assistindo a nenhum exercício da Missão, nem sequer ao Catecismo, às Conferências e às Comunhões gerais. E quando o Missionário convida ou pede, mandam uma representação. Assim os Religiosos pela negação parecem, talvez sem o querer e de certo sem pensar nas consequências, impedir o fruto total desta grande graça eficiente que Deus só de quando em vez concede a uma Paróquia.

Esperamos que a C. R. B. promova duma vez para sempre, a cooperação total dos Religiosos e Religiosas, de Vigários e Sacerdotes na grande Obra das Missões paroquiais para o resultado completo e total das Missões nas Paróquias.



# A FORMAÇÃO DO RELIGIOSO PARA O APOSTOLADO DA BOA IMPRENSA

*Dr. Frei Evaristo P. Arns O. F. M.*

## INTRODUÇÃO

A base de toda a nossa atividade editorial está a palavra do Apóstolo São Paulo: "Ai de mim, se não anunciar a palavra de Deus". Poderíamos mesmo acrescentar: "se não anunciar a palavra de Deus pela Imprensa", porque estamos habituados a ouvir que São Paulo, se vivesse hoje o faria desta forma.

Dois fatos: 1.º — Nossos livros já estão exercendo verdadeira ação missionária pelo Brasil. Quando, há poucos meses, a revista O Cruzeiro trazia rumorosa reportagem sobre o levante do Major Veloso e os acidentes de Jacareacanga, descobrimos, na casa do humilde sertanejo daquelas paragens, a Folhinha do Sagrado Coração de Jesus. Atingimos, com nossos folhetos e livros, os lugares e pessoas que a palavra do missionário mais arrojado não pode animar com o sôpro do Evangelho. Somos a prolongação da voz de nossa Mãe, a Igreja.

2.º — De outro lado, o livro católico no Brasil ainda não rompeu a barreira da mediocridade. Joaquim Nabuco continua tendo razão: pelo conteúdo, pelo estilo e apresentação, o livro católico — que aliás possui a mensagem mais rica — vive mendigando o favor público.

O apêlo do Sr. Cardeal. A campanha contra a má imprensa e a pornografia foi lançada em 1949, sob os auspícios e pela ação direta de Sua Eminência o Sr. Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara. Surgiu a Legião da Decência. Não nos cabe discutir-lhe os resultados. Mas, fazemos

nossa a divisa de Sua Eminência: "Não queremos a luta pela luta, nem luta pelo esmagamento de quem quer que seja, mas a vitória de uma causa que tôdas as consciências bem formadas apóiam como justa e digna de sacrifícios" (REB, 1949, pág. 513).

Um livro atraente só se combate por outro mais atraente. E é pela orientação segura e pela formação técnica dos editores católicos que atingiremos o objetivo.

**A Advertência do Papa:** Não admira que o Santo Padre, com seu des-cortínio genial, voltasse as atenções para o nosso lado: "A voz mais poderosa, que atinge o grande público, é ainda hoje a da imprensa", dizia êle aos jornalistas americanos, em 23 de janeiro de 1950 (REB, 1950, pág. 498).

Toca-nos especialmente a palavra candente, cheia de fé em nossa missão, que o Papa proferiu, quando via chegar de todos os quadrantes da terra os responsáveis pela Imprensa Católica. Sabia êle, que mourejamos num terreno ingrato que nos obriga a exercermos duplamente a renúncia evangélica que pregamos: "Numa situação como a nossa, o mal mais temível para o publicista católico seria a pusilanimidade e o abatimento". Insiste o Santo Padre, tomemos por modelo a Santa Igreja. Ela não desiste da luta apesar das contradições e deficiências. Não temos direito ao descanso, enquanto não houver "em cada lar católico um jornal católico".

Três pontos devem merecer a atenção especial dos religiosos dedicados à Imprensa. Exige Pio XII:

- a) — cultura geral, sobretudo filosófica e teológica;
- b) — dons de estilo;
- c) — tato psicológico (Cfr. REB, 1950, pág. 502).

Lutamos, num mesmo campo com os homens da má imprensa, mas lutamos com armas desiguais e — o que é muito pior — o leitor foge de nós, enquanto cerca nossos adversários. E' ainda Pio XII que o ilustra com um verso de La Fontaine: "O homem é de gêlo para as verdades; é de fogo para as mentiras" (Alocução à Associação da Imprensa estrangeira em Roma, representando 30 Estados, 12-5-1953).

De uma carta do mesmo Pontífice ao IV Congresso Internacional da Imprensa (1954) tiro as conclusões de tudo o que acabo de citar: "Cumpre em primeiríssimo lugar, que a imprensa católica seja a serviço da Igreja um instrumento de qualidade, uma imprensa tecnicamente preparada. Nesta rude batalha da imprensa, o zêlo mais generoso não pode, hoje em dia, suprir êsse "savoir faire" indispensável, e não se poderia chamar demasiadamente a atenção dos responsáveis pela imprensa católica para o esforço que a todos se impõe neste terreno" (REB, 1954, pág. 482).

## I — Formação Doutrinária

A formação doutrinária é a finalidade mesma da editôra católica, logo o princípio básico para os dirigentes. Creio que é ponto pacífico: as edições católicas só têm direito à existência, se esclarecem o povo, transmitindo-lhe a doutrina de Cristo ou seja da Igreja Católica.

Como é que o faremos de maneira eficiente?

Uma revista americana de pedagogia propunha aos leitores a seguinte pergunta: "Que é preciso saber para ensinar latim a John?" A resposta que mais aplausos mereceu foi esta: é preciso conhecer John (naturalmente, sem saber latim nem o melhor conhecedor de John lhe ensinaria a matéria).

Em nosso caso: é preciso conhecer o povo que atingimos: 1.º O povo que apenas lê: — ama as revistas ilustradas e lê tanto que possa interpretá-las.

— gosta das histórias em quadrinhos e só destas;

— compreende a linguagem falada;

— habituou-se a repetir e a pensar em "slogans";

— afinal, lê pouco, mas sempre lê.

Para êsse povo, teremos que compor livros, revistas e jornais que "peguem", sem contaminarmos nossa doutrina, é evidente.

2.º — O povo que lê bem, mas sabe pouco. Está habituado às Seleções, aos romances fáceis, aos livros leves. Lê nos bondes, mesmo na cama, contando que o livro não seja massudo e menos atraente que outras diversões e passa-tempos. Alguns editôres leigos tiveram ótima experiência, mesmo com livros religiosos bem escritos e apresentados com elegância. Êste público, quase diria ginasião e semi-culto, torna-se de dia para dia mais numeroso e mereceria nossa atenção especial.

3.º — A elite, que tem ou crê ter boa base doutrinária, mas precisa de incentivos. Os alunos que cursaram nossos Colégios e Faculdades católicas, membros da Ação Católica, Ordens Terceiras, Dirigentes Marianos, afinal homens marcados por certa cultura acadêmica. A prova de que também eles crescem em número nos forneceu ainda há pouco a Editôra Vozes com a venda rápida dos livros do R. P. Penido.

4.º — Afinal, nossas editôras religiosas encontram o mercado mais fiel nas casas religiosas e entre o clero. Também aqui poderíamos estabelecer uma escala, sem melindrar a ninguém.

— há os que têm tempo para ler e conhecem suficientemente uma ou mais línguas estrangeiras. Por ora, interessam-se relativamente pouco em nossa produção.

— há os que têm tempo mas lêem com dificuldade outras línguas.

— afinal, a grande maioria não dispõe de tempo nem para a leitura de formação própria, nem para a formação alheia. São gratos pelos livros que fornecemos a eles em linguagem clara, ilustrada com exemplos, moderna. Agradecem-nos igualmente por tudo o que apresentamos a seus dirigentes das inúmeras associações e mesmo para as bibliotecas das mesmas, contanto que não seja pêso morto.

Qual a formação que exigem de nós estas ovelhas que a Providência nos confiou?

Lembramos há pouco as palavras do Santo Padre: bons conhecimentos filosóficos e teológicos, porque os artificios e as artimanhas dêste mundo moderno são tais que “mesmo os melhores” podem perverter-se ou ao menos descontrolar-se.

1.º — Depois, devemos penetrar na psicologia do povo. Por isso, os homens da imprensa deveriam exercer sempre cura d'almas, bem delimitada e claro, para não sacrificarem o apostolado especializado. O contacto pessoal com o povo arranca-os da “tôrre de marfim” e quebra o gêlo que costuma invadir os mais sinceros homens de gabinete. Nós seguimos a religião do livro”, como dizem os muçulmanos, mas de um livro que nasceu do amor de Deus para com o povo, para com cada homem, por mais miserável que seja a sua existência.

Acrescentemos, apenas para lembrar: tal contacto deve estabelecer-se também no campo técnico, por ex. rural, se nosso jornal ou revista quiser orientar nestes assuntos.

Mais. Devemos observar nossos adversários. Não por esporte, mas porque os “filhos das trevas muitas vêzes são mais inteligentes que os da luz”. O brasileiro, por exemplo, tão fàcilmente se deixa enredar pelo espiritismo. Sabemos que os adeptos desta heresia não pregam a moral da renúncia, porisso mais fácil é seguí-los. No entanto, também não possuem a instrução de nossos chefes. Será que o êxito não depende em grande parte da acomodação à psicologia do povo, à linguagem daqueles que também nós teremos que reconquistar? Até onde podemos seguí-los? A mesma pergunta faríamos a respeito do protestantismo, das firmas comerciais etc. Não se trata de “lançar as pérolas aos porcos”. Não falsificaremos a mensagem de Cristo. Mas, é dever de consciência, seguirmos o divino Mestre, acomodando-nos à mentalidade dos leitores.

Consultemos ainda nossos agentes e amigos sôbre a aceitação que tal obra vem tendo, levando-os a uma análise dos motivos. Pena, que não possamos estabelecer uma rêde de sondagem da opinião pública, como a possui certo jornal inglês. Descobriríamos, quem sabe, o caminho mais curto para o coração daqueles que nosso livro deve conquistar.

2.º Ao povo que lê bem mas sabe pouco, devemos dedicar atenção especial. Algumas editôras possuem gramático que revê minuciosamente todo manuscrito. Como a polícia impede a outros de falsificar ou deteriorar a mercadoria, assim nós próprios teremos de controlar-nos para que nossa doutrina não se revista de roupagem esfarrapada ou mal acomodada. No final de nossa exposição, voltaremos ao assunto, quando apontarmos alguns meios para a formação de um corpo de redatores. Mas, fica em pé a sugestão.

3.º — Para os leitores mais preparados e para a literatura destinada aos religiosos e ao clero, não nos resta outra saída senão recorreremos a uma equipe de teólogos que sejam responsáveis pela escolha e não só pela censura do que se publica nesta matéria. Todo o diletantismo neste campo é uma afronta direta a Deus que se revelou.

## II — FORMAÇÃO TÉCNICA

a) — O Diretor ou Editor não é figura decorativa em nossos estabelecimentos. É o homem que entende de tudo até dos pormenores, embora nem sempre o manifeste; é o homem que vê tudo, mais para animar que para repreender; é o homem que responde pelo funcionamento harmonioso de toda a complexa máquina editorial. Além das qualidades naturais de chefe deve ele possuir um curso, porque do contrário não adianta formar seus auxiliares. Um general não preza as lições de seu capitão. Felizmente, existem tais cursos. Por ex., na Fundação Getúlio Vargas, Escola de administração de Empresas, São Paulo, Rua Martins Fontes, 109, sala 801. Esta aliás mantém um Curso de Formação, outro intensivo. O primeiro é de nível universitário e se prolonga por quatro anos; o segundo destina-se às pessoas que já possuem experiência na atividade comercial e pode ser absolvido em três meses. O próximo terá início em setembro. Mediante teste, todo diretor de empresa poderá inscrever-se nele. Eis as cadeiras:

Produção

Mercadologia

Administração

Legislação fiscal

Legislação trabalhista

Contabilidade.

Além do IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho) merece a atenção outro curso que visitamos e que de alguma maneira nos agra-

dou. Poderia ser frequentado pelo técnico de propaganda: trata-se do Curso geral de um ano — março a dezembro — mantido pelo Associação Paulista de Propaganda. Enumero apenas as cadeiras:

- 1.º — Propaganda de “média” (meios) — jornais e revistas.
- 2.º — Rádio e Televisão (aspecto comercial).
- 3.º — Propaganda ao ar-livre ou out-door.
- 4.º — Cinema e propaganda.
- 5.º — Redação da propaganda.
- 6.º — Pesquisa do mercado.
- 7.º — Psicologia aplicada à Propaganda.
- 8.º — Relações públicas.
- 9.º — Promoção de Vendas.
- 10.º — Produção - apresentação gráfica de anúncios, sistema de impressão, gravação.
- 11.º — Seminários sôbre os mesmos assuntos.

b) — O Contabilista. Tôdas as editôras católicas devem possuir um contabilista próprio e, se possível, religioso.

E' êle o conselheiro nato, não o orientador da Editôra. Não nos compete falar do curso, porque está amplamente difundido no Brasil.

Além do realismo econômico e da exatidão absoluta, que são qualidades profissionais, deve possuir espírito de equipe e boa cultura religiosa e humana, para permitir lançamentos de obras no mercado que não rendam materialmente e mesmo dêem prejuízo, desde que a Religião o exija e as finanças o comportem.

c) — Os tipógrafos: Estamos no domínio da pura técnica.

Evitaremos o arrôjo extremo, o desejo de inovações, pois, tôda a Editôra forma escola, desenvolvendo uma técnica própria. E' uma espécie de laboratório com sua experiência modesta, seu trabalho sistemático, que garante base segura para o futuro.

Com isto não pregamos a estagnação, a mentalidade de auto-suficiência. Pelo contrário, nada evolui tanto como o aparelhamento industrial. Logo, lançaremos mão dêle para o bem. Propomos assim que a editôra forme, à sua custa e com as devidas garantias, novos elementos. Por exemplo, o SENAI possui

escola de artes gráficas. O programa da 6.<sup>a</sup> região que temos em mãos apresenta cursos diurnos e noturnos de compositor manual:

Mecanotipista.

Impressor.

Encadernador.

Pautador.

Desenho de artes gráficas.

Fotogravura e Offset.

(Este último curso é de caráter especial e prolonga-se por 29 meses).

Convinha ainda recorrermos a IDORT, que formou muitos operários de empresas leigas. Diversos técnicos, hoje na ativa, mostram-se satisfeitos com os cursos práticos.

Passou o tempo em que nos julgávamos todos aptos a redigir revistas, jornais e folhetos. Após a guerra aperfeiçoaram-se em todos os países os cursos de publicidade e jornalismo. Roma mesma deu o exemplo, mantendo o Instituto Pro Deo. Lovaina possui professores religiosos que ministram cursos de jornalismo e que apresentaram belos trabalhos científicos neste ramo.

No Brasil, as Escolas de Jornalismo já ultrapassaram a fase de experiência, apesar das deficiências que nelas queiramos apontar. A Escola de Jornalismo Cásper Líbero formou seus primeiros alunos há mais de seis anos e vem recebendo a orientação doutrinária da Universidade Católica de São Paulo, a iniciação técnica com o auxílio da Gazeta. No Rio, o Globo serve de escola prática ao Curso mantido pela Universidade Católica. De Pôrto Alegre informam que os cursos são bons. Meus senhores, não hesitemos. Por amor ao bom livro, à boa revista e sobretudo ao nosso jornal, digo mais, por amor à Igreja e à nossa própria Congregação, peçamos a nossos superiores, formem um ou outro talentoso confrade na técnica do jornalismo. Assim conhecerá êle os colegas que militam em outros campos, conhecerá o povo para o qual escreve e orientará mesmo os confrades que se vêem forçados, pelas circunstâncias, ao trabalho de gabinete. As escolas não suprem os dons naturais. No entanto, quantas vezes êstes estiolam, porque a escola os não frutificou.

## POR UM MUNDO MELHOR

*Pe. Zacarias Carboni S. V. D.*

E' significativo o fato de o Santo Padre ter aprovado como intenção do Apostolado da Oração para o mês de dezembro de 1955, o crescimento e a expansão do "Movimento por um mundo melhor". Significativo porque dezembro é o mês do Natal, o mês em que a Igreja e todo o mundo cristão se reúnem ao redor do berço do Deus Menino o qual veio à terra a fim de por termo à triste situação a que o homem se havia sujeitado quando, por um ato de rebeldia e desobediência a seu Criador, perdeu a liberdade dos filhos de Deus e se fez escravo do demônio. Cristo veio para livrar a humanidade deste jugo atroz e reunir todos os indivíduos ao redor do Pai dos Céus numa grande família: a família dos filhos de Deus, cujo primogênito é Ele próprio. Mas o mundo se obstina em não querer ouvir a mensagem libertadora. Hoje, mais que nunca, indivíduos, classes e povos, escravos de paixões e ódios desenfreados, se preparam mutuamente desgraças mais assombrosas do que as que a humanidade acaba de sofrer.

O "Movimento por um mundo melhor" tem por escopo dobrar esta insensata obstinação e fazer com que os homens aceitem a liberdade e o amor trazidos por Cristo. O mundo melhor, cujo advento se aproxima dia a dia, será um mundo em que os indivíduos, gozando da liberdade dos filhos de Deus, hão de se amar mutuamente como irmãos.

Qual o caráter específico deste "Movimento"? Uma nova associação dentre as muitas outras? Uma nova organização internacional? Não! Nenhuma associação, nenhum organismo. E' um brado de alarme dirigido a todas as associações e organizações do mundo cristão, a todos os indivíduos de boa

vontade convidando-os a que, ante a gravidade da hora presente, renunciem a todo o particularismo egoísta, e cerrem fileiras no intuito de conseguirem “o renovamento total da vida cristã, a defesa dos valores morais, a atualização da justiça social, a reconstrução da ordem cristã” (Cfr. Exortação do Santo Padre Pio XII aos fiéis de Roma, 10 de fevereiro de 1952). É o despertar dos cristãos que, atendendo à voz do Papa, tomam consciência de sua responsabilidade e se unem num só esforço para remediar os males que afligem a sociedade moderna. O próprio Representante de Cristo assumiu o empenho de ser o corifeu desta cruzada. Eis suas palavras: “Como outrora aceitamos, porque aprouve a Deus, a pesada cruz do pontificado, assim, hoje, abraçamos a árdua tarefa de ser, enquanto nossas fracas forças o permitirem, o arauto de um mundo melhor, querido por Deus” (Cfr. Exortação a. c.). O Santo Padre quis que os fiéis de Roma fôsem os primeiros a iniciarem a nobre campanha. Mas desde já exprimiu o ardente desejo de que êste exemplo “fôsse imitado pelas dioceses vizinhas e pelas de longe a fim de que seus olhos pudessem ver retornarem a Cristo não só as cidades mas as nações, os continentes e tôda a humanidade” (Cfr. a mesma exortação e o discurso aos homens da Ação Católica Italiana, 12 de outubro de 1952).

As palavras do Papa encontraram ótima acolhida nas fileiras do episcopado católico. Já se contam às dezenas os documentos inspirados no programa pontifício por um mundo melhor. Haja à vista os escritos dos Eminentíssimos Cardeais de Genova, Bolonha, Santiago de Compostella, Nápoles; os dos Excelentíssimos Arcebispos de Diamantina, Pôrto Alegre, Ancona, Trento, Ferrara, Fermo, Barcelona, Valenza, Madras; e dos Excelentíssimos Bispos de Santa Maria, Angers, Parma, Reggio, Macerata, Tolentino, Mardó, Campagna, Apúnia, Solsona... Os sucessores dos Apóstolos de tôdas as partes do mundo quiseram fazer éco às palavras do sucessor de São Pedro a fim de imprimir intimamente na alma dos fiéis poderosos estímulos para o renovamento individual e coletivo. Mais que isto. Êles quiseram aprofundar o conhecimento das diretivas pontifícias. Com êste escopo, reuniram-se em convênios particulares que se estendiam durante tôda uma semana. Até setembro de 1955 já se haviam realizado 5 daquelas reuniões de estudo, às quais participaram cêrca de 150 Prelados de várias nações. Em alguns dêles estiveram presentes também Eminentíssimos Cardeais. Assim o Card. Roncalli, no curso dos Bispos da região de Veneza; o Card. Cerejeira, em Fátima, com o Episcopado português.

O vexilo levantado pelo Pai da cristandade foi empunhado com ardor apostólico pelo conhecido Pe. Lombardi o qual já vinha pregando a cruzada da bondade. Desde 1952, Pe. Lombardi, auxiliado por um grupo sempre crescente

de sacerdotes seculares e religiosos, se tornou o porta-voz do Movimento e do programa traçado pelo Papa. Com êste fito já percorreu não poucas dioceses da Itália e de outros países. Sua principal atenção está voltada para o trabalho de formação daqueles que hão de ser os executores do programa nos diversos campos e setores da vida. Na antiga vila de Mondragone, perto de Roma, foi aberta, em princípios de 1954, uma verdadeira escola destinada a formar apóstolos do Movimento por um mundo melhor. Ali se dão cursos de duração vária para as diversas classes de pessoas; o destinado a sacerdotes dura invariavelmente 10 dias consecutivos. O método adotado recebeu a denominação: "Exercitações por um mundo melhor". Com êste nome quer-se exprimir a estreita relação com os exercícios espirituais e ao mesmo tempo a aplicação à reforma coletiva de nosso campo. A reforma individual (exercícios espirituais) é tôda orientada para a reforma coletiva. Nestes cursos são entremeadas meditações com reuniões de estudos e troca de idéias entre os presentes, a fim de encarar as principais dificuldades que o mundo moderno apresenta contra o bem e, ao mesmo tempo, a fim de encontrar o modo mais eficaz para as superar.

Até outubro de 1955 subiam a 60 os cursos realizados sendo assim distribuídos: 3, reservados unicamente a Excelentíssimos Arcebispos e Bispos; cerca de 30, destinados ao clero diocesano e regular com a participação de quasi 4.000 exercitantes; 4 grandes cursos para homens dirigentes de Ação Católica; 1, destinado a políticos; outro para prefeitos de cidades; 2 para operários; os restantes acolheram pessoas de categorias diversas. Durante tais cursos, Mondragone recebeu visitas de diversos Em. Cardeais. Entre outros do Card. Carlos Vasconcellos Mota, de S. Paulo; do Card. Ottaviani, do Santo Ofício, do Card. Piazza, da Sagrada Congregação Consistorial; do Card. Micara, Vigário do Santo Padre para Roma; do Card. Tisserant, Secretário da Sagrada Congregação para as Igrejas Orientais e decano do Sacro Colégio; do Card. Constantini, da Sagrada Congregação de Propaganda Fide; do Card. Quiroga y Palacios, da Espanha; do Card. Lercaro, de Bolonha; do Card. Valeri, da Sagrada Congregação dos Religiosos; do Card. Roncalli, patriarca de Veneza, etc.

De particular importância foram os cursos reservados exclusivamente aos religiosos. A êstes participaram os Reverendíssimos Padres Superiores Gerais dos Maristas e dos Concepcionistas, além de um Assistente Geral e muitos Provinciais e Superiores locais. No último dêstes cursos, terminado em fins de novembro de 1955, entre os 120 participantes de diversas nacionalidades, destacaram-se 50 padres Josefitas, todos superiores. Esteve presente o Reverendíssimo Padre Superior Geral, o Vigário Geral, os Provinciais das diversas províncias e todos os Superiores dos colégios, patronatos, oratórios e das várias

instituições dirigidas pela Congregação, bem como o Mestre de noviços. Com este passo o Superior Geral quis que toda a sua Congregação se inspirasse nos princípios enunciados por Pio XII no memorável 10 de fevereiro de 1952, e tantas vezes confirmados nos discursos posteriores. Espera-se para breve uma reunião de todos os Reverendíssimos Padres Superiores Gerais e Provinciais sob a presidência do Em. Card. Valerio Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos. Nestes cursos para religiosos, suscitou extraordinário interesse a intervenção de S. Excelência o Padre Arcádio Larraona, Secretário da mesma Sagrada Congregação, o qual exprimiu os desejos da Santa Sé no sentido de uma adaptação dos estados de perfeição aos nossos tempos. Ele declarou que o movimento de adaptação empreendido por aquela Sagrada Congregação encontra grande utilidade no movimento de base realizado em Mondragone onde a vida religiosa dos participantes é acrescida de grande fervor. Assim, disse ele, as disposições vindas do alto hão de encontrar a máxima boa vontade de aceitação e tornar-se-ão muito mais fecundas.

No ano passado, de 23 até 29 de outubro de 1955, realizou-se o primeiro curso para Superiores religiosas. Abrigou-as durante os 6 dias de "exercitações" a Domus Mariae, casa de retiros da Ação Católica Feminina Italiana. As participantes acorreram em número de 200, dentre as quais 21 Superiores gerais tendo todas juntas aproximadamente um total de 40.000 súditas. O entusiasmo suscitado foi tão grande que algumas das exercitantes colocaram imediatamente uma ou duas de suas súditas a serviço do Movimento. Algumas já trabalham no Secretariado instalado em Roma; outras farão um curso intensivo para depois serem as propugnadoras do Movimento no meio feminino.

Além dos cursos fechados em Mondragone e na Domus Mariae, começaram a funcionar os cursos abertos, em Roma. Estes cursos duram 7 dias com 2-3 horas diárias. Até 18 de dezembro de 1955 foram realizados os seguintes cursos abertos: 1 para universitários, 2 para homens das classes dirigentes, 1 para seminaristas, 1 para professores, 1 para alunas de liceu, 1 para senhoras, 1 para membros da "Legio Mariae".

A casa de Mondragone será, dentro em breve, substituída por um monumental edifício que surgirá nas proximidades de Castel Gandolfo, e será construído pelos homens da Ação Católica Italiana. A pedra fundamental, benta pelo próprio Papa, foi colocada no dia 1.º de novembro de 1955. A pedra foi colhida das excavações ao redor do túmulo de São Pedro, sob a basílica vaticana.

As "exercitações por um mundo melhor" são dirigidas pelo próprio

Pe. Lombardi, assistido e auxiliado por um bom número de sacerdotes e leigos que se encarregam de grande parte das conferências. Mas o Pe. Lombardi não se limita ao trabalho aqui no centro. Sua presença é frequentemente solicitada em outros países. Já pregou cursos de “exercitações” em diversas cidades do Brasil, Austria, Portugal, Espanha, Suíça, México, etc. Os frutos destas pregações são consoladores. A respeito do Brasil (Rio Grande do Sul) escrevia o Pe. Lombardi, em novembro de 1953: “nesta região foi realizado o ato episcopal coletivo mais importante até hoje, no sentido do movimento por um mundo melhor. Os sete Excelentíssimos Bispos da região eclesiástica, de comum acôrdo, dirigiram-se a seus fiéis convidando-os a se prepararem para a santa emprêsa promulgada pelo Vigário de Cristo”. E após ter enumerado os principais pontos do programa, o Pe. Lombardi continua: A arquidiocese de Pôrto Alegre é, certamente, uma das zonas do mundo em que, mais concretamente se trabalha para a desejada revisão da vida católica sob a bandeira do 10 de fevereiro... O primeiro setor enfrentado foi o da instrução religiosa particularmente urgente devido ao grassar do espiritismo” (Cf. P. Lombardi, Pio XII per um mondo migliore, 1954, pág. 80-81). Também em outras dioceses e regiões de nosso país o programa de renovação vem sendo posto em prática e reclama a colaboração incondicionada de todos os de boa vontade. Também a Espanha deu um passo de gigante neste sentido. No curso de Loyola de agosto de 1955, ao qual participaram 1 Arcebispo, 2 Bispos, 12 sacerdotes e 140 dirigentes leigos, vindos de tôda a Espanha, foi tão sentidamente reconhecida a necessidade de dar forte impulso ao Movimento, que decidiram fundar para sua nação uma casa semelhante à de Mondragone para cursos contínuos de “exercitações”. Ato contínuo, recolheram uma soma correspondente a 1 milhão e 500 mil cruzeiros (15 milhões de liras italianas) e se empenharam em conseguir o que faltasse para construir a casa. Ao mesmo tempo telegrafaram para o Santo Padre pedindo a aprovação e a bênção, e colocando a nova fundação à disposição da Santa Sé. Assim a nova casa será obra pontifícia, a serviço de tôda a Espanha católica. Dois sacerdotes espanhóis já se encontram entre os colaboradores diretos do Pe. Lombardi a fim de aprofundar o conhecimento do programa pontifício e assim poder prestar valiosos serviços logo que a casa entrar em fase de execução.

O Santo Padre segue com o maior interêsse o desenvolver-se do Movimento. Durante o verão de 1954-1955 recebeu em audiência os participantes de todos os cursos aos quais dirigia sempre as mais benévolas e encorajantes palavras. Disse entre outras coisas que “neste momento, talvez o mais grave da história da Igreja, Nosso Senhor suscitou um movimento jamais visto”. Acrescentou que os sacerdotes ali presentes eram tôda a sua esperança, tôda a sua alegria.

No discurso de 10 de março de 1955, aos pregadores de quaresma de Roma, o Santo Padre se exprimiu assim: “Dos cursos de “exercitações por um mundo melhor” nos chegam de muitas partes consoladores ecos enquanto que Bispos e sacerdotes estão de acôrdo em relevar sua extraordinária eficácia para a solução dos mais urgentes problemas da hora presente”. Prova da grande solícitude do Santo Padre que deseja ver o Movimento se estender a tôdas as partes do mundo é o fato de ter proposto esta intenção a todos os membros do Apostolado da Oração do mundo inteiro. Sirva êste breve e incompleto apanhado sôbre o desenvolver-se do Movimento para que nossa oração seja mais consciente e fervorosa e para que, continuemos a elevar diâriamente nossas preces ao céu na intenção de que venha quanto antes a nova éra, o novo mundo em que os homens, feitos filhos de Deus, começarão a se amar como irmãos.



# AINDA SÔBRE O CELIBATO ECLESIAÍSTICO

*Pe. Frei Marcelino de Milão O. F. M. Cap.*

Meu competente co-irmão e experimentado Mestre Frei Paulino de Sellere, publicou em o número de abril passado, nas páginas desta Revista, um artigo sôbre o Celibato Eclesiástico, visando principalmente o aspecto ascético.

Este artigo volta sôbre o mesmo assunto, procurando estudar a história e os motivos da lei do celibato.

## I — HISTÓRIA DO CELIBATO

### A) — Indícios do celibato entre os povos primitivos.

Sabemos a quais perversões sexuais chegaram os pagãos, pela sua incredulidade, que justificavam as candentes apóstrofes de Paulo Apóstolo que, se escrevia aos Romanos (1) não excluía Corinto onde estava, verdadeiro templo da luxúria, como outras regiões pagãs.

Se encontramos, pois, alguns indícios de celibato sacerdotal entre os povos primitivos, já é bastante para afirmarmos que o valor e grandeza dêste gênero de vida nunca foi desconhecido, embora praticamente quasi irrealizável.

1) — Os ATZECAS do México, talvez, sejam considerados religiosamente como o povo mais brutal e feroz. Pois bem, entre êles encontramos exemplos de castidade e celibato.

Anexo ao grande "teocalli" (grande Templo) existia o "calmenac", colégio onde se educavam os jovens nobres para o sacerdócio e os cargos estatáís. Ao reitor "mexicateohuatzin" pertencia seleccionar, entre os alunos, os can-

didatos às altas dignidades do sacerdócio e às do império. Os alunos do “calmenac” eram submetidos a uma disciplina rigorosíssima. Levantavam-se antes de meia noite para varrer o templo e o colégio; à meia noite ofereciam sacrifícios pessoais, derramando sangue de feridas que abriam em seu próprio corpo, enquanto os sacerdotes tomavam banho e rezavam. E ainda mais, entre eles a observância da castidade era a mais severa. Qualquer culpa ou negligência nêste tocante, era castigada com penas corporais. Além disto os sacerdotes escolhidos para o culto do deus “Quetzalcoalt” deviam obrigatoriamente permanecer celibatários, e muitos, entre os outros, “teopixque” (sacerdotes) observavam voluntariamente o celibato (2).

2) — Entre os INDIANOS para quem “a vida é a religião levada a tódas as ações cotidianas” (3), encontramos indícios do celibato na iniciação à vida e na sua conclusão. Devido ao conceito integralmente religioso da vida humana, a educação do indivíduo tomava aspecto de uma progressiva iniciação sacerdotal. Os “samskara” ou ritos eram doze etapas que consagravam lenta e progressivamente a vida do indivíduo. Depois da solene imposição do nome (nâmakarman), da tonsura (nâdâkarana) e da iniciação (upanayana), espécie de renascença espiritual, o adolescente (ârya) permanecia, antes do matrimônio, com seu diretor espiritual (guru). Êste exercitava o aluno (brahmacârin) com severíssimas normas ascéticas, em primeiro lugar a castidade perfeita.

Depois do matrimônio e da educação estável dos filhos, o pai de família, considerado sacerdote doméstico, a fim de progredir tinha que abandonar o mundo e tornar-se ermitão voluntário e renunciatário, vivendo só para a meditação, indiferente às coisas do mundo e no mais severo exercício do celibato e da castidade.

Se o Budismo (fundado por Siddharta Gautama, 560-480 c. a .C.) rejeitou qualquer espécie de sacerdócio e culto oficial, imprimiu porém maior impulso a êste ideal de renúncia. Seus sequazes, após vestirem a túnica amarela do “bhikstu” se obrigavam em primeiro lugar, à castidade absoluta (4).

2 — M. Savi Lopes “Nei regni del sole, Antiche civiltá americane”, Vol. II, Roma, 1926, pág. 19-26, 90-93; C. Crivelli, em “Christus” de J. Huby, pág. 121-128; Tacchi Venturi, em “Storia delle Religioni”, vol. I, pág. 136-138.

3 — Sri Rharat Dharma Mahamandal, por E. B. Allo, em “Plais d’Europe e baumes du Gange”, Paris, 1931, pág. 45.

4 — cfr. A. Ballini em “Storia delle Religioni” de Tacchi Venturi, segunda edição Torino, 1944, vol. I, pág. 426.

B) — A Lei do celibato eclesiástico no Cristianismo.

1) — E' certo que ninguém pode provar historicamente a existência da lei do celibato eclesiástico nos tempos apostólicos, apesar da tese de Bickel, hoje comumente abandonada. Mas é também certo que muitas personalidades expoentes daquela Igreja observavam-no, seguindo o exemplo dos Apóstolos (5). São Paulo que propõe sua vida celibatária como exemplo (6), em suas diurnas viagens para a "plantatio Ecclesiae", tendo de constituir os dirigentes das novas Comunidades, não podia exigir, nem podia falar em celibato do Clero. Era quasi impossível encontrar indivíduos que fôsem idosos, experimentados e celibatários, nem podia colocar crianças à frente das novas Igrejas. Exigia porém, um certo resguardo e a prova de bons costumes (7), que podem ser tomados como prenúncio da lei. Se o Apóstolo requer que o ministro do santuário seja "unius uxoris" (8), não entende com isso insinuar e, menos ainda, impôr o matrimônio aos clérigos, e sim determinar os requisitos mínimos, indispensáveis no candidato ao sacerdócio. Entende interditar o ingresso aos bígamos sucessivos. O preceito, pois, é restritivo e não imperativo.

Desejava, sim o Apóstolo, que todos fôsem como êle, celibatários (9). O Sacerdote, para São Paulo, é o "homo Dei" (10); ministro e dispenseiro dos mistérios divinos (11); constituido, entre os homens, para relacioná-los com Deus (12). A inteira vida sacerdotal, portanto, visa o serviço fiel e integral do Senhor, sem impecilhos das criaturas.

São Paulo não promulgou a lei do celibato clerical, mas não andou tão longe dela.

2) — Porisso esta lei, se bem que posterior à idade apostólica, encontra suas raízes na mesma praxe dos Apóstolos. Observa Tertuliano: "Petrum solum invenio maritum per socrum; monogamum praesumo per Ecclesiam, quae, super illum aedificatur, omnem gradum ordinis sui de monogamis erat

5 — Cappello, "De sac. Voc.", IV, cap. X a. 2.

6 — I Cor. 7, 7.

7 — I Tim. 3, 1-4 e Tit. 1, 5-6.

8 — Tim. Tit. ibid.

9 — I Cor. ibid.

10 — I Tim. 6, 11.

11 — I Cor. 4, 1.

12 — Heb. 6, 1.

collocatura. Ceteros, cum maritos non invenio, aut spadones intellegam ne-cesse est, aut continentes" (13).

Deparamos com a primeira formulação legislativa no cânon 33 do Concílio regional de Elvira (Granada c. a. 300), que diz: "Placuit in totum prohibere Episcopis, Presbyteris et Diaconibus vel omnibus Clericis positis in ministerio abstinere se a coniugibus suis et non generare filios: quicumque vero fecerit, ab honore clericatus exterminetur" (14). Papa Sirício, no Concílio Romano do ano 386, promulgava uma lei análoga, com a intenção que prevalecesse em tôda a Igreja Latina (15).

Mais tarde Inocêncio I (c. a. 506) comunicava esta decisão a Exupério, bispo de Tolosa (16). Africa, Espanha, Gálias orientam-se por êste caminho traçado pelos Papas como fazem fé os vários Concílios regionais: Cartago (a. 401), Toledo (a. 400), Turim (a. 401).

Podemos, pois afirmar que, desde o século IV, a lei do celibato começa a tomar determinação fixa na legislação conciliar.

Infelizmente o Oriente não acompanhou o Ocidente. Note-se que o fim do século IV assinala o comêço dos contrastes entre Oriente e Ocidente.

No Ocidente temos a invasão dos Bárbaros e a decadência cultural, política e econômica; no Oriente o mirabolante esplendor da côrte bizantina em plena evolução e portanto ativa e dissidente. Lá a Igreja organiza-se na disciplina, aqui segue a conduta mundana de um Estado seguro e satisfeito. Como sinal dos tempos aparecem e se espalham largamente no Oriente as Constituições apostólicas (condenadas como falsas no Concílio Trulano (a. 692), que em matéria de celibato são bastante benignas ou ao menos discordes com os cânones da Igreja Ocidental.

A êste contraste parecem referir-se Santo Epifânio quando escreve: "quod (proibição de vida clerical aos casados) in illis locis praecipue fit, ubi ecclesiastici canones accurate servantur" (17), e Santo Ambrósio, quando, após a bela descrição dos eleitos: "Integri corpore, incorrupto pudore, alieni etiam ab ipso consortio coniugali", acrescenta: "Quod eo non praeterii, quia

13 — Enchir. Patr. 381.

14 — Kirch, Enchir. Hist. Eccl., 339.

15 — Ep. I ad Himerium, episc. Tarrac., Kirch, o. c. 657.

16 — Kirch, o. c. 964.

17 — Enchir. Patr., 1096.

in plerisque abditioribus locis cum ministerium gererent, vel etiam sacerdotium, filios susceperunt" (18).

3) — A Igreja Ocidental continuou destemida pelo caminho tomado. Infelizmente diversos períodos de crise eclipsaram, muitas vèzes, a prática do celibato. A decadência do Império, pois, arrastava consigo o desmoronamento da disciplina eclesiástica, de tal modo que nos séculos X e XI o mal se alastrou assustadoramente. Não só Igrejas particulares, mas a própria Igreja Romana oferecia o triste espetáculo do concubinato e do matrimônio clerical, que parecia tornar-se o estado normal do Clero. Muitas, inúmeras foram as vozes de protesto que se levantaram corajosas pedindo enérgicas reformas. São Pedro Damião com o "Liber Gomorrhianus" é justamente considerado um dos paladinos da renascença do celibato. Contemporâneamente a firme atitude de Gregório VII contra as investturas leigas, raiz de todos os abusos, reconduzia o Clero ao respeito da antiga disciplina.

Com Pascoal II no Concílio de Troyes (a. 1077), tratava-se, pela primeira vez, do "impedimentum Ordinis". O Concílio Lateranense, convocado por Calixto II (a. 1123) dava o último passo com o canon 21, confirmado pelo Lateranense II (a. 1139) no cânon 7 e mais tarde por Alexandre III em 1180 que extendia o impedimento também aos Subdiáconos (19).

A batalha pelo celibato estava vencida no Ocidente. O Concílio de Trento mais uma vez, apesar dos ataques raivosos dos protestantes, confirmava a mesma lei (20).

Não faltaram, durante os séculos, até nossos dias, inimigos do celibato que recorreram a todos os meios, infâmia, calúnia, falsificação de documentos, para denegrí-lo. Mas a conduta da Igreja foi sempre firme e perentória. Haja vista as encíclicas de Gregório XVI "Mirari vos" (15-8-1832); de Pio IX "Qui pluribus" (9-9-1846); de Pio X "Pascendi" (7-9-1907); de Pio XI "Ad catholici Sacerdotii" (20-12-1935) e a recente Exortação "Menti nostrae" de Pio XII (23-9-1950).

## II — MOTIVOS DO CELIBATO E ALGUMAS OBJEÇÕES

1) — PIO XII em "Menti nostrae" escreve: "O Sacerdote tem como

18 — De Off. L. I, c. 50.

19 — Decret. cap. 1-2, X, IV, 6.

20 — Sess. XXIV, cân. 9 em D. B. 979.

campo de sua própria atividade tudo o que se refere à vida sobrenatural” (21). É a interpretação genuína da definição paulina: “ex hominibus assumptus pro his quae sunt ad Deum...” (22). O Sacerdote é como mística escada por onde sobem ao céu as orações e sacrifícios dos homens e por onde descem à terra as graças e as bênçãos de Deus.

“O Sacerdote — acrescenta o Papa — é o órgão de comunicação e incremento da vida no Corpo Místico de Cristo” (1. c.) ou como dizia São Paulo, “minister Christi et dispensator mysteriorum Dei” (23). Note-se, de passagem, os termos usados pelo apóstolo: “uperètes” adidos não a um serviço genérico e sim a um emprego determinado e estável; “oiconómoi” administradores de bens não próprios, isto é de bens sobrenaturais como o são a doutrina revelada e os meios de salvação. Realmente os apóstolos e seus sucessores no ministério são homens escolhidos por Deus e consagrados inteiramente à pregação da sua doutrina, pelo que gozam de grande poder e responsabilidade.

Porisso, justamente conclui o Santo Padre: “é necessário que êle (o sacerdote) renuncie a tudo quanto é do mundo, para cuidar sómente daquilo que é de Deus (24). E é exatamente porque deve estar livre das preocupações do mundo, para se dedicar todo ao serviço divino, que a Igreja estabeleceu a lei do celibato” (25).

De fato quem casa tem de se preocupar com as necessidades de sua família e agradar à esposa. Com isto sua atividade fica dividida (26).

Difícilmente, pois, o sacerdote conseguiria das almas aquela ilimitada confiança, necessária para dirigir as consciências, se uma mulher participasse de sua vida íntima.

2) — As investidas mais frequentes e acirradas contra o celibato não provêm de nobres programas, mas da suposta impossibilidade de sua prática. Diremos só algumas:

a) — A tendência afetiva — proclama-se — é uma fôrça inata no coração humano. Age fortemente na vida psíquica do homem ao ponto de tornar-se um

21 — Ed. Vozes, n.º 21.

22 — Heb. 5, 1.

23 — I Cor. 4, 1.

24 — I Cor. 7, 32-33.

25 — Menti nostrae 1. c.

26 — cfr. I Cor. 7, 32.

fator não secundário da personalidade humana. Coibir esta tendência com o celibato, é contrário à natureza.

O celibato não pretende fazer “tabula rasa” do afeto humano e sim dar-lhe uma solução eminentemente espiritual. Trata-se de mudar o alvo o qual, aliás, é tão encantador, tão obrigatório e tão atraente que leva o sacerdote ao sacrifício consciente do simples amor humano pela força interior do apelo divino. Por outra, quem não tem só “olhos terrenos”, vê que este amor espiritual possui fecundidade sublime, como observa Pio XII: “Com a lei do celibato o Sacerdote, ao invés de perder o dom e o encargo da paternidade, aumenta-o ao infinito, pois se não gera filhos para esta vida terrena e caduca, gera-os para a celeste e eterna” (27).

b) — A castidade — diz-se — é impossível e a pretensão de dominar o instinto carnal é genuína hipocrisia.

Além de ser este um erro condenado pelo Concílio de Trento (28), prescinde do auxílio da Graça. A Igreja nunca ensinou que a natureza pode triunfar sobre seus instintos só com suas forças. Mas sempre “auxiliante Gratia”. Casos particulares de hábitos inveterados e taras hereditárias tornam, às vezes, sobre-humano o exercício da castidade. São anormalidades e os indivíduos portadores delas não são talhados para o sacerdócio. Quando o matrimônio é a única indicação e o único remédio eficaz contra a concupiscência, não há possibilidade de escolha. Para tais é absolutamente interdito o ingresso nas fileiras clericais. Instruções da Igreja, a este sentido, não faltam. Basta mencionar a da Sagrada Congregação para a Disciplina dos Sacramentos de 27-12-1930 e a da Sagrada Congregação dos Religiosos de 1-12-1931, mais as recentes diretrizes de Pio XII (29).

c) — À objeção de que a castidade seria prejudicial à saúde, contrária às exigências da higiene e causa de neurastenia, responderam fisiólogos eminentes, que demonstraram cientificamente ser compatível a abstinência de satisfações sexuais com as leis fisiológicas, higiênicas e morais.

d) — Enfim a calúnia insistente e perversa dos libelistas impenitentes, para os quais a vida do sacerdote não é, e nunca foi casta, refugiando-se em desordens ocultas para conseguir aquilo que públicamente lhe é proibido, a

---

27 — *Menti nostrae* l. c.

28 — Sess. XXIV, l. c.

29 — *Menti nostrae*, n.º 77-78-79.

Igreja responde com a “turba multa” de sacerdotes santos, de cuja castidade só a maldade diabólica pode duvidar.

Afinal os escândalos presentes e passados nunca constituíram o passado e o presente da Igreja. Se também no Brasil houve alguma dúvida e alguma tentativa de extinção do celibato (30) e, de quando em vez, surge algum escândalo, tudo isto não chega a embaciar a vida intemerata e inatacável da grande maioria do Clero.

Os clérigos todos cremos no valor do cânon 132 do Código de Direito Canônico: “Os Clérigos de Ordens não podem contrair matrimônio e estão obrigados a guardar castidade, de tal maneira que se pecam contra ela, são também réus de sacrilégio”; e cremos na verdade das palavras de Pio XII: “Quanto mais refulge a castidade sacerdotal, tanto mais unido se torna o Sacerdote com Cristo “hóstia pura, hóstia santa, hóstia imaculada” (31).

---

30 — E’ amplamente conhecida a proposta de extinção do celibato apresentada ao Parlamento Nacional em 1827, subscrita por diversos deputados, inclusive o Padre Feijó, o qual escreveu até um opúsculo em defesa do projeto. Dom Romualdo Seixas, santo Arcebispo da Bahia e Deputado à Assembléa Geral Legislativa, com sua brilhante refutação esmagou o perigo e o projeto não vingou. Mais tarde o mesmo Padre Feijó retratava-se públicamente em o “Observador Paulistano” de 10 de julho de 1838.

31 — *Menti nostrae*, n.º 22.



## MARCHA DUMA IDÉIA

### Formação de catequistas nas Escolas Normais

*Frei Aurélio Stulzer O. F. M.*

Lembro-me ao iniciar este ligeiro registro, da lição de nosso abalizado e fino mestre, Pe. Negromonte, quando dentro da desprezenciosidade de sua modestia me disse, um dia: "Não acredito mais que os exemplos atraíam. O que resolve são as idéias".

Pois acompanhei o nascimento duma idéia generosa e segui deslumbrado seu curso para presenciar o começo de sua definitiva vitória. Evidentemente não irei ao ponto de dizer que essa idéia tivesse tido um único berço. Mas fui testemunha quando num lugar ela despertou, quando se criou, quando se aperfeiçoou, para vê-la já agora dando passos seguros a fim de ingressar na arena triunfal da vitória.

Falo do projeto de preparar catequistas nos cursos das escolas normais, dirigidas por religiosas, aproveitando-se para tal das aulas de catecismo facultadas pela Constituição Federal e Estaduais.

A lei do ensino religioso é boa. Mas desde o princípio veio manchada com um pecado original: criou a disciplina e não criou os professores.

Nos círculos da Ação Católica de Guaratinguetá, principalmente da J. I. C., onde se agrupavam distintas professoras de prestigiosa Escola Normal daquela cidade, hoje Instituto de Educação, discutimos muitas vezes o insolúvel problema do "ensino religioso nas escolas". Inicialmente conviemos todos em que se fazia mister criar uma Cadeira de Metodologia do Catecismo para habilitar as normalistas a ensinar religião. Sem dúvida havia uma coerência lógica em nossas resoluções. Se havia a lei do ensino religioso para as

escolas públicas, muito natural que o Estado favorecesse, dentro das cautelas necessárias que a Religião estabeleceria, a formação das professoras para os alunos. Essa nossa tendência foi corrigida e simplificada pela professora de pratica, a acista Srta. Clotilde Pinto. Antes de se criar uma cadeira de metodologia do catecismo nas ditas escolas que se incluísse na de "prática" esta metodologia. Naturalmente estávamos todos convencidos que haveria tóda uma batalha a ser travada para conseguir isto dos representantes legais.

Em 1948, salvo engano de data, reuniu-se no Rio uma Semana Nacional de Ação Católica. A valorosa turma de Guaratinguetá compareceu acompanhada de seu vigário padre Miguel Laquis. Paralelamente realizava-se uma Semana do Ensino Religioso. Para esta não tínhamos delegados credenciados; por isto não desperdiçamos a oportunidade para tornar conhecida a idéia, distribuindo entre os congressistas os folhetos onde se explicava e historiava a idéia.

Em 1953 participei do Congresso dos Diretores do Ensino religioso, no Rio, convocado pelo Secretariado Nacional do E. R., na qualidade de diretor do ensino religioso da diocese de Lages (S. C.). Querendo aproveitar aquela auspiciosíssima ocasião entendi-me com um dos assessores para encaminhamento de uma proposta naquele sentido: de que se obtivesse junto às autoridades competentes a inclusão da metodologia do catecismo nas aulas de prática das Escolas Normais. Dissuadiu-me, porém, argumentando que era preferível fôsse isto feito pelos diretores do ensino religioso nos respectivos estados.

De volta à diocese comecei o giro programado pelas paróquias. Tencionava reunir vigários, professoras leigas de religião, e professoras religiosas em círculos de estudos, qual tínhamos feito no Rio. Já estava embarcado no trem que me levaria a Tangará na linha do Rio do Peixe quando vem o zeloso vigário de Videira e campeão do ensino religioso na diocese, padre José Wild, com uma proposta: de se pedir ao senhor bispo diocesano que as aulas de religião nas Escolas Normais dirigidas por religiosas fôsem transformadas em aulas de metodologia do catecismo para formar professoras catequistas. Era evidente o acêrto daquela proposta. Dado que nos estabelecimentos dirigidos por religiosas êste ensino é ministrado com regularidade em todos os anos de um e outro ciclo, suas alunas ao chegarem ao Curso Normal estarão em condições de serem preparadas catequistas, aproveitando-se para isto, como se repetiu, das aulas de religião facultadas por lei. A idéia inicial evoluiu entrando agora numa base de inegável garantia.

O senhor bispo diocesano, Dom Daniel Hostin, atendendo ao que lhe fôra exposto baixou decreto. Caminhara a idéia, nascida num berço desprezencioso. Atingia aspectos concretos e de segura execução.

Qual não foi minha surpresa e satisfação ao ouvir em São Paulo, numa das Sessões Plenárias do Congresso dos Religiosos, promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil, em julho dêste ano, onde estava embora lotado no outro setor de apostolado, seu secretário geral, padre Irineu Leopoldino de Souza ler a resolução que viera da Secção do Ensino Religioso: "recomenda-se aproveitar as aulas de religião nos cursos normais dirigidos por religiosas para formar catequistas, servindo-se de manuais especializados para tal fim".

Era a escalada do último pico.

Considerando que a Conferência dos Religiosos do Brasil é o órgão que comanda o exército regular, e considerando que a grande maioria das Escolas Normais vem sendo dirigida por religiosas, estou convencido que a pequena semente nascida em meio às preocupações e angústias pelos problemas de Religião vingou, cresceu e já estende vigorosamente seus braços, dos quais vão repontar belíssimos frutos.



# A COLABORAÇÃO QUE AS RELIGIOSAS PODEM PRESTAR NA OBRA DE PRESERVAÇÃO DA FÉ NA AMÉRICA LATINA

*D. Bernardo Kaelin,*  
Abade Primaz O. S. B.

Temos tratado, outras vèzes, do problema muito grave da escassez de vocações sacerdotais na América do Sul.

Acredito que esta falta de vocações sacerdotais seja devida principalmente a uma não curada formação religiosa das populações na América Latina.

Problema que se apresenta muito grave, quer no indivíduo, quer na família, quanto aos deveres matrimoniais pròpriamente ditos (santidade do matrimônio) e quanto à educação religiosa da prole. Falta, pois, o terreno propício donde possam nascer verdadeiras vocações sacerdotais e religiosas.

Posso a tal fim trazer um exemplo típico. Há três anos, viajando de Rosário para Niño Dios através do rio Paraná, pude observar muita gente que viajava, que subia e descia nas várias estações, mas nunca vi uma igreja. Pedi então aos Padres de Niño Dios, Abadia fundada pela abadia francesa de Encalcat, o motivo dessa falta de edifícios sagrados, e me responderam: "Nós Padres nos ocupamos da cura pastoral desta população que mora perto do rio; mas não podemos chegar que a uma pequena parte". Êste fato da falta do Clero tem grande influência na formação de uma boa vida cristã, e por êste motivo existem muitos matrimônios naturais. Daí se compreende porque faltem os obreiros na vinha.

Uma segunda causa da escassês de Sacerdotes é que, enquanto observamos grande número de leigos que emigram da Europa para a América do Sul, não vemos, em proporção, se não muito poucos sacerdotes que vão desenvolver sua ação pastoral na América Latina.

Êste fenômeno demonstra como seja deficiente a formação religiosa naqueles países.

Uma terceira causa da escassez das vocações sacerdotais pode ser observada na difusão tão preocupante do Protestantismo e do Espiritismo, e enfim da superstição. Quando os protestantes acusam os católicos de serem supersticiosos, muitas vezes a esta acusação não falta fundamento.

E' lógico, pois, que neste clima de superstição não possam nascer vocações sacerdotais e religiosas.

Qual será o remédio para esta situação? Sabe-se que atualmente há muitas vocações na Espanha que iriam mais tarde desempenhar sua atividade na América Latina. Permito-me uma observação: isso pode ser um auxílio precioso, mas não resolve a situação de modo ideal. Como o organismo não pode viver de injeções, mesmo da melhor qualidade, mas precisa de alimentar-se por si mesmo, assim nosso problema será resolvido satisfatoriamente quando se aumentarem e incrementarem as vocações de pessoas do lugar.

Para chegar a isso quero apresentar algumas sugestões que, em outros lugares, alcançaram resultado satisfatório:

1) — Cuidar, do melhor modo possível, da família cristã: deveres dos cônjuges e frequência dos sacramentos, instrução religiosa e práticas de piedade no seio da própria família.

Para este fim, de certo não são e por muitos anos não serão suficientes os sacerdotes que atualmente trabalham, sendo muito poucos.

2) — Para isto é necessário encontrar outros elementos subsidiários que possam, em breve tempo, estar no lugar do trabalho e iniciar esta obra fundamental da formação da família. Propria portanto enviar irmãs expressamente aptas para este fim. Como de fato me consta, há já irmãs muito preparadas para esta missão.

Falo, por exemplo, das Irmãs Beneditinas, fundadas por um Padre da Abadia de Kremsmunster, na Áustria, que têm dado magnífico resultado. Estas Irmãs ajudam os Sacerdotes na Paróquia, tratam dos doentes, cuidam muito da instrução e educação religiosa das crianças e dos orfãos; deste modo o problema da falta do Clero na Áustria é menos percebido, e a educação religiosa não se ressentem muito.

Análogas instituições pude observar na Alemanha; aqui há as Irmãs de Santa Lioba, de São Bonifácio e outras ainda, que explicam atividade providencial para a paróquia. Elas ajudam o pároco no desempenho das práticas inerentes ao expediente paroquial e portanto permitem ao Sacerdote de se dedicar completamente às almas.

Além disso as Irmãs dirigem orfanatos, jardins de infância, asilos, e muitas vezes exercem o ofício de professoras.

Quero referir-me também a uma instituição especial que existe nas Filipinas, criada por uma Irmã Beneditina. Seu mosteiro compõe-se de duas espécies de Irmãs: um núcleo, de clausura, e um outro, ao contrário, de Irmãs ativas, isto é, de Irmãs que saem por determinado tempo e trabalham nas paróquias, adaptando-se às necessidades dos vários ambientes. Transcorrido o período de apostolado, voltam à clausura para se refazerem no espírito. Por quanto me conste, o Instituto é florescente e tem dado ótimos resultados, por exemplo regularizando os casamentos ilegítimos.

3) — Por último quero me referir àquela múltipla atividade que observei, admirado e edificado, das Irmãs Beneditinas nos Estados Unidos. Elas se ocupam do ensino primário e secundário, da cura dos doentes nos hospitais e das diversas obras de caridade.

Mas desta atividade caridosa que faz conhecer as belezas do Cristianismo, e da múltipla atividade escolar e educativa, nascem os primeiros germes das vocações sacerdotais e religiosas e, além disso, preparam-se em geral bons pais e boas mães de família.

De certo que, com o que estou relatando, não entendo excluir que haja muitos outros Institutos de Irmãs que trabalham neste sentido; quis simplesmente falar de uma experiência pessoal.

Nem quer isto dizer que seja necessário enviar para a América Latina muitos elementos dos Institutos dos quais tenho acima falado. O que vale é criar uma igual situação na América do Sul, favorecendo com todos os meios possíveis a fundação e abertura de casas e mosteiros dos Institutos supracitados.

Este é, a meu ver, o modo melhor e mais eficaz para ajudar os sacerdotes do lugar, para favorecer um clima propício de vocações, e finalmente para formar famílias nas quais se viva e se perceba o benefício da vida cristã.

Este modo de ajudar o Clero corresponde muito bem, me parece, àquilo que se fazia nas primeiras comunidades cristãs, onde boas e piedosas mulheres ficavam à disposição dos Apóstolos e da vida cristã, referindo-me somente a algum exemplo dos mais conhecidos, a Lídia, Prisca, Feba.

Todo este sentido de colaboração entre os diversos estados que tendem à perfeição da Igreja, lembra-nos a vida e as funções dos diversos membros que constituem o Corpo místico de Cristo, "ut in omnibus glorificetur Deus".

# SÃO JOÃO DE DEUS E A SUA OBRA

*Por um Religioso da Ordem Hospitaleira de São João de Deus*

Nasceu São João de Deus a 8 de Março de 1495, na Vila Alentejana de Montemor-o-Novo, em Portugal. Menino ainda passou à Espanha, e ficou em Oropesa, perto da fronteira, aos cuidados de um Maioral. Como pastor aí permaneceu até à idade de assentar praça. Alistou-se no exército. Ao tempo, Carlos V declara guerra contra Francisco I, de França, e João parte para o cêrco de Fonterrabia. Na lide das armas, ao cavalgar uma égua, espólio do inimigo, está apercebendo-se da sua antiga morada, desata em furiosa fuga, precipitando ao solo o infeliz cavaleiro, que teria succumbido se não fôra a protecção visível de Maria Santíssima — daquela Mãe carinhosa que êle logo invocara e chamara em seu auxílio. O socorro não se fez esperar. Ainda sob dôres torturantes, vê uma pastorinha que dêle se acerca, ofertando-lhe água para beber. João vendo tanta bondade pergunta quem é, ao que lhe responde ser aquella mesma que êle havia invocado. Depois de o confortar desapareceu. Refeito com esta visão celeste retirou-se, e, dentro em pouco, fica completamente restabelecido. Terminada a guerra, vai novamente procurar o seu antigo amo, que o recebe carinhosamente. Aí fica por algum tempo e êste encarrega-o da mordomia de seus bens. Prendado de suas virtudes e qualidades, pensa retê-lo em sua companhia, e para tal fim, propõe-lhe sua filha única em casamento — o que João não aceita, despedindo-se respeitosamente.

Por essa ocasião novo alistamento se fazia, mas desta vez, muito diferente. O motivo era uma guerra santa contra os infiéis. Lá parte para Viena de Áustria, notabilizando-se no manejo das armas. Terminada esta espinhosa missão, volta à Espanha. Torna-se vendedor ambulante de livros. Um dia nos arrabaldes de Gibraltar, encontra um menino de rara beleza. O Santo pesaroso

de vêr tão tenro menino sozinho, num descampado, pisando o sólo agreste, convida-o a tomar acento na carga de livros que leva às costas. Mas dentro em pouco sente um enorme pêso que quase o faz sossobrar.

Vendo uma fonte ali próxima, a ela se dirige, deixando o menino a alguns passos. Quando o Santo se dirigia para a fonte, o menino tendo na mão uma romã (granada em castelhano), encimada por uma cruz, lhe diz: "João de Deus, Granada será a tua cruz". Dito isto desapareceu. Certo de que fôra o próprio Jesus que lhe apparecera, resolve tomar logo o caminho de Granada ao encontro dessa Cruz que o Senhor lhe annunciara.

Por ordem do seu Confessor, vai ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. Aí prostrado aos pés da sua imagem faz ardente súplica. Mas, eis que, de repente, é envolvido por enorme clarão, e qual outro Moisés no Monte Sinai, também aí recebe da Santíssima Virgem, a confirmação na sua vocação hospitalar. Esta Senhora lhe aparece no meio de todo aquele esplendor, trazendo nos seus braços Jesus menino, que entrega ao Santo, juntamente com sua roupinha dizendo: "Toma, João, o meu filho, e veste-o para que, assim, aprendas a vestir os pobres".

Estava confirmado na sua vocação hospitalar. O Santo passa pelas ruas de Granada, em trajo de pobre penitente. E' apupado pelo rapazio, e dado como louco, é levado para o hospital, onde foi espancado e açoitado, à imitação do Divino Mestre. A sua loucura era bem diferente, era a loucura da Cruz. Aí vê São João de Deus o lastimoso estado de todos aqueles infelizes, e o mau tratamento que lhes davam, doendo-se no seu coração. Sentira o Santo, em si próprio, a deshumanidade ao viço, e dizia: se um dia puder estar à frente dêstes pobres, como os tratarei bem diferentemente. Sai do Hospital Real e começa a sua missão. Encontra uma Casa, bastante espaçosa, que fácilmente lhe é cedida pelo proprietário. Manda fazer o maior número de leitos individuais que lhe é possível, o que na época não era conhecido, pois os doentes, ou se deitavam no chão nú, ou sôbre esteiras e amontoados.

Esta era a triste situação em que se encontravam os pobres doentes, destituídos do menor alívio e confôrto. Além desta grande realização, uma outra não menos nova se via no seu hospital. Era a seleção dos doentes em enfermarias completamente separadas, para que os que sofriam de doenças contagiosas, as não transmitissem aos demais. De tudo cuidava a zelosa caridade de São João de Deus. Com estas inovações, aliás de grande proveito para os doentes, estava lançada a revolução hospitalar, e lançados também os fundamentos da Ordem Hospitaleira de São João de Deus. Para a consecução

de tão alta missão, contou São João de Deus não só com o auxílio de pessoas piedosas e a proteção do bondoso Arcebispo de Granada, mas sobretudo com o auxílio que lhe veio do Céu. O próprio Arcanjo S. Rafael, diversas vezes auxiliou o nosso Santo, na árdua tarefa hospitalar, chegando a fazer os mais humildes serviços, e ajudando-o a transportar os doentes para o seu hospital. Também o próprio Jesus Cristo se agradou tanto da sua caridade, que um dia se fez transportar na figura de um pobre coberto de andrajos. O Santo<sup>1</sup> ao pensar-lhe as feridas descobre nos pés as chagas do Senhor que se torna tão resplandecente, que os doentes chegam a gritar: “fogo no hospital”. São João de Deus os aquietou, dizendo que aquele fogo não era destruição.

Começam pessoas a pedir ao Santo os admita em sua companhia. Assim nasceu a obra que quatro séculos não conseguiram ruir, porque é obra de Deus. Depois de deixar fiéis continuadores na terra, voava a sua ditosa alma ao Céu a receber o prêmio da sua ardente caridade, aos 8 de Março de 1550, aos 55 anos de idade. Foi canonizado pelo Papa Alexandre VIII em 1690. Foi proclamado, por Leão XIII, patrono dos hospitais e dos doentes, e o Papa Pio XI, em 1930, proclamou também São João de Deus, padroeiro dos enfermeiros e enfermeiras e de suas associações católicas.

Em 1571, o Papa S. Pio V, aprovou o Instituto dos Irmãos de São João de Deus e em 1576 o Papa Paulo V, elevou a Congregação à categoria de Ordem Religiosa. Foi tal a expansão da Ordem, que em 1789 contava 2.915 Religiosos, com 280 hospitais nos quais eram assistidos 10.700 enfermos. A Ordem Hospitaleira de São João de Deus, portadora de tanta glória, continua a sua tarefa benfazeja na caritativa missão do seu Santo Fundador. Tem-se desenvolvido progressivamente na Africa, Asia, nas três Américas até às regiões da Oceânia. No entanto, à Europa, apesar das incessantes guerras, coube até hoje o maior campo de ação da Ordem Hospitaleira. Conta, atualmente, com 197 hospitais, 2.400 Irmãos e 42.300 leitos para os enfermos.

Os Irmãos de São João de Deus, foram em épocas remotas os encarregados dos serviços de saúde no Exército e nas Armadas, e assim foi que vieram ao Brasil 13 religiosos em 1580. Segundo as crônicas, vieram 22 em 1624, e 6 em 1633. Foram martirizados três Irmãos por ocasião das invasões holandesas. Foram destinados ao Brasil mais 14 Irmãos em 1635 e 1639 em 1638. Na Baía, tiveram 5 hospitais. A 29 de junho de 1756, tomaram conta do hospital de Vila da Cachoeira na Baía. Foi tão grande o número de religiosos ao tempo, que chegou a haver Província religiosa Brasileira.

Com o liberalismo reinante, foi decretado o extermínio e a expulsão das

Ordens e Congregações Religiosas, e os Irmãos de São João de Deus, com grande pesar, tiveram que abandonar também as suas atividades.

Foi restaurada a Ordem Hospitaleira de São João de Deus no Brasil, em 1946, quando Sua Emcia. Revma. o Senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, pediu ao então Geral, o Revmo. Frei Efrém Blandeau, Irmãos para tomarem conta de uma obra da Arquidiocese, que se destinava ao clero. Além da referida obra, possuem os Irmãos de São João de Deus, um estabelecimento próprio da sua Ordem: é a clínica Cirúrgica de São João de Deus, à Rua Almirante Alexandrino, 710, no bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro. Destina-se a Cirurgia Geral.

São João de Deus é verdadeiramente o gênio da hospitalidade; o homem eleito por Deus, para realizar uma revolução profunda na técnica hospitalar. O Fundador de uma Ordem Religiosa que, fazendo do hospital um templo e do enfermo um altar, exige que cada um dos seus membros, seja uma hóstia viva que arda continuamente no fogo da caridade.



# RELATÓRIO DO CENTRO CATEQUÉTICO DIOCESANO DE RIBEIRÃO PRETO

O Centro Catequético Diocesano começou a funcionar em fevereiro de 1956, no Colégio Santa Úrsula, com o Revdo. Pe. Horácio Longo, Diretor do Ensino Religioso e M. Maria da Encarnação Baxa, O. S. U., Secretária.

Um novo impulso foi dado ao Ensino Religioso, depois da Semana Catequética (6 a 13 de Novembro de 1955), realizada no Colégio Santa Úrsula, por Madre Teresa do Cristo Lezier, O. S. U. Diretora do Departamento de Catecismo da Conferência dos Religiosos do Brasil.

## NOSSAS ATIVIDADES :

- 1 — Organizar o fichário das professôras de catecismo das diferentes Paróquias da Diocese.
- 2 — Enviar as fichas às Catequistas conforme pedido do Vigário e registrar as mesmas nas respectivas Delegacias de Ensino.
- 3 — Nosso principal objetivo êste ano foi de nos ocupar:
  - a) — da formação de Catequistas;
  - b) — de auxiliar o mais possível as professôras de catecismo dos Grupos Escolares pertencentes às Paróquias da Catedral e de Santo Antonio.
- 4 — Para uma melhor formação de Catequistas, organizamos um Curso que funcionava no Colégio Santa Úrsula tôdas às segundas feiras, de 19,30 às 21,30 horas.

Êste curso foi aberto:

  - às professôras dos Grupos escolares: infelizmente sómente duas ou três seguiram-no com regularidade;
  - às normalistas do 2.º ano: 9 de Santa Úrsula, 3 (três) de Nossa Senhora Auxiliadora só responderam ao nosso apêlo;
  - às Catequistas da Catedral e da Igreja São José: em geral boa frequência;
  - às Militantes da A. C.;
  - às Religiosas: de Jesus Crucificado, da Santa Casa, das Servas de Jesus Sacerdote: seguiram com fidelidade o curso até o fim.

As aulas foram ministradas assim :

Antigo Testamento: — R. Padre Luiz Peres

Novo Testamento: — R. Padre Horácio Longo

Liturgia: — Miss Margaret O. O. B.

Catequese e Psicologia: — M. Maria da Encarnação Baxa O. S. U.

O Curso foi organizado segundo um plano de 2 anos, sendo em 1956 o 1.º ano. As alunas tiveram provas em junho e em novembro. Este ano, elas receberão sómente um atestado de frequência e de aproveitamento.

5 — Nosso esforço se concentrou nos grupos escolares. Temos em vista aproveitar o mais possível para a formação cristã dos alunos primários, da pobre meia hora semanal de catecismo. Para auxiliar as professoras, o Centro se encarregou de enviar cada semana um plano de aula de Religião para cada ano. Assim atingimos:

De Ribeirão Preto: 1.º, 2.º, 4.º e 5.º grupos.

Fora de Ribeirão Preto: as Paróquias de:

Nossa Senhora das Dores de Casa Branca;

Sales Oliveira;

Altinópolis;

São José do Rio Pardo;

Jardinópolis;

Nuporanga;

Guaira.

Os mesmos planos foram pedidos também por Pinhal e Jaboticabal.

6 — Cada semana, no:

1.º grupo o Pe. Luiz Peres;

4.º grupo I. Margarida Maria C. J. S.

2.º e 5.º grupo M. Maria da Encarnação O. S. U.

Iam fazer uma visita e dar alguns esclarecimentos às Professôras. Uma vez por mês, na Reunião de Pedagogia, davam uma orientação geral. Cada vez encontraram maior boa vontade e espírito de colaboração dos Srs. Diretores, e da parte das Professôras uma grande abertura d'alma e de espírito. A maioria pediu aulas de formação para o ano que vem.

7 — Para sustentar o interêsse, fizemos no mês de agosto, um Concurso de Religião nas Escolas Primárias. O êxito dêste Concurso ultrapassou nossas esperanças: mais de 5.000 respostas chegaram dos 1.º, 2.º, 4.º e 5.º Grupos, Grupo do Circulo Operário, Centro Catequético do Morro de Cipó, da Escola Primária Santa Angela.

Professôras, alunos e pais contribuíram com entusiasmo para o resultado dêste concurso.

8 — O Centro providenciou também o Ensino Religioso no Ginásio da Associação de Ensino e no 2.º ano Normal da mesma Instituição. Fizemos o possível para achar catequistas substitutas para os grupos escolares.

9 — Esforçamo-nos, também, por entrar no 1.º Congresso Estadual de Educação que se realizou em nossa cidade de 16 a 23 de setembro. Nosso fim era levar ao Congresso a presença de Cristo e da Igreja. Introduzimos 9 teses: 7 sôbre o Ensino Religioso nos Grupos Escolares, uma sôbre a Escola Normal e uma outra sôbre a Orientação Profissional no Ensino Primário.

As conclusões das 7 teses sôbre o Ensino Religioso foram:

— a remuneração das Catequistas;

— a contagem de pontos para as mesmas;

— que a aula de Religião seja um pouco prolongada.

10 — Terminamos o ano Catequético pela premiação dos melhores alunos de Religião nos Grupos Escolares. Distribuímos mais ou menos 175 prêmios e milhares de santinhos.

No dia 26 de Novembro de 1956, foi inaugurada no Salão de S. U. V. a exposição dos trabalhos religiosos das Escolas Primárias.

No dia 29, do corrente, no Salão D. Alberto, fez-se, sob a presidência de Nosso Pastor Diocesano, o encerramento solene do ano Catequético com uma homenagem especial às Professôras - Catequistas que tanto se dedicaram, e a distribuição dos Atestados às alunas fiéis ao Curso Catequético.

#### VISITAS :

No começo de Novembro o R. Padre Horácio Longo, nosso Diretor do Ensino Religioso, presidiu:

Em Jardinópolis — Colégio Sagrado Coração de Jesus;

Em Franca — Colégio “Nossa Senhora de Lourdes” e Ginásio “Jesus, Maria, José”;

Em Batatais — Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

os exames das Catequistas.

Ribeirão Preto, 1.º de Dezembro de 1956.

## CONSULTÓRIO JURÍDICO

### PARECER SOBRE DESAPROPRIAÇÃO

A desapropriação gira em torno do Decreto-lei n.º 3.365 de 21 de Junho de 1941, artigo 27, § único, o qual passamos a transcrever:

“O Juiz indicará na sentença os fatos que motivaram o seu convencimento e deverá atender, especialmente, à estimação dos bens para efeitos fiscais: ao preço de aquisição e interesse que dêles auferir o proprietário; sua situação, estado de conservação e segurança; ao valor venal dos da mesma espécie, nos últimos 5 anos, e à valorização ou depreciação de área remanescente, pertencente ao réu.

§ Único: Se a propriedade estiver sujeita ao imposto predial, o “QUANTUM” da indenização não será inferior a 10 nem superior a 20 vezes o valor locativo, deduzida previamente a importância do imposto, e tendo por base esse mesmo imposto, lançado no ano anterior ao Decreto de desapropriação”.

Todavia, a Jurisprudência, o bom senso, atendendo ao que diz o Artigo 141 § 16 da Constituição Federal de 1946, fez cambiar a rigidez da lei, ou seja, ao citado decreto n.º 3.365, quando o legislador, querendo o impossível, determinou que o preço da desapropriação não seria inferior a 10 nem superior a 20 vezes ao do valor locativo, isto porque seria fixar o imprevisível, pois um prédio, em circunstâncias normais, nos é de todo impossível fixar-lhe valorização futura, e a palavra “valor locativo” é atribuída por órgãos do poder público, que sempre retarda as revisões do referido valor locativo, daí o imóvel estar lançado com o seu valor por um preço, e na realidade a sua valorização seja outra bem diferente.

Diga-se de passagem, muitas foram as preliminares levantadas em torno da matéria, para se contornar o preceito limitativo do “quantum” da indenização nos casos de desapropriação com o preço pago antes da efetivação da mesma.

Assim é que se arguiu a inconstitucionalidade da dita limitação do parágrafo único do artigo 27 do citado Decreto-lei n.º 3.365 frente do dispositivo constitucional da carta de 1937 que falava em “indenização” pelo corte no patrimônio particular pelo poder público.

Ora, a palavra “indenização” segundo PEDRO NUNES, no seu “DICCIONÁRIO DE TECNOLOGIA JURÍDICA” é o seguinte:

“Indenização”: Reparação, obrigação de reparar um dano ao direito patrimonial apreciável de alguém por parte da pessoa a quem cabe a responsabilidade direta ou indireta do ato, ou fato culposo, ou danoso que o ocasionou”.

Assim, a reparação se entende coisa equivalente, tanto por tanto, donde se vê a impossibilidade de fixação preconcebida.

Outro argumento foi levantado na análise do referido Artigo 27 em comparação com o seu Parágrafo Único, na qual, se de um lado o Artigo 27 deixa unicamente a critério do Juiz a fixação do “quantum” a ser indenizado, dando flexibilidade nesta fixação, de outro, em seu Parágrafo Único estabelece que, tal flexibilidade, entretanto, não seja inferior a 10 e nem superior a 20 vezes o valor locativo, daí chega-se à conclusão de que o citado Artigo 27, depois de dar azas ao Juiz, apartou-as incontinentemente para que o vôo fôsse limitado a regras preconcebidas.

Não satisfeita com a apara das azas, ainda temendo que a consciência do Julgador, em casos gritantes fugisse às recomendações legais, preceituadas pelo Parágrafo único do citado artigo, adotou o recurso ex-officio, quando a sentença condenatória excedesse a 20 vezes o do valor locativo.

Outro argumento, também, podemos levantar: é o do enriquecimento ilícito do Estado, que compra, à força, e por preço predeterminado, coisa de maior valor, daí, não se poder conciliar o valor da indenização ao do preço prefixado pelo Parágrafo único do Artigo 27.

Também, vem de ser inoportuna a citação do critério tributário, que por vezes não corresponde à realidade, pois, nenhum outro fator entra na estimativa fiscal, para que possamos tomá-la como certa.

Assim, em que me pese a responsabilidade de seguir a corrente que se levantou contra o dito Decreto-lei, que foi autor do seu ante-projeto, o douto CARLOS MEDEIROS DA SILVA, embora refutasse os argumentos acima espendidos, não logrando, todavia, êxito jurisprudencial.

O que de tudo se infere, é nada mais nada menos do que a equidade que a jurisprudência veio trazer, amenizando o citado Decreto-lei n.º 3.365, ou melhor, conciliando o interesse do particular frente o Poder público.

Assim, temos, que sendo como de fato é, a indenização um ato de reparação da síncope sofrida no patrimônio, o texto constitucional da Carta de

1946, no seu artigo 141 § 16, ratificando o pensamento exposto, o solidificou nos seguintes termos:

Parágrafo 16 — “E’ garantido o direito de propriedade, salvo o caso de desapropriação por necessidade de utilidade pública ou por interesse social, mediante prévia e justa indenização em dinheiro. Em caso de perigo iminente como em guerra ou comoção intestina, as autoridades competentes poderão usar da propriedade particular, se assim o exigir o bem público, ficando todavia, assegurado o direito de indenização ulterior”.

Como se vê do texto Constitucional a indenização deve ser prévia e justa, o que impede o enriquecimento ilícito por parte do Estado na aquisição forçada, embora por necessidade ou utilidade pública e ainda por interesse social.

Assim, respondendo em parecer, à consulta que me foi feita pela ESCOLA APOSTÓLICA SANTA CRUZ “PADRES ESTIGMATINOS” de Rio Claro, Estado de São Paulo, os receios nela contidos pelos mesmos a mim transmitidos, são sem fundamento, devendo a Prefeitura de Ribeirão Preto, onde a ESCOLA APOSTÓLICA SANTA CRUZ mantém o seu Seminário Menor e Maior, fazer a indenização, atendendo em primeiro lugar o interesse que dêle aufera a Ordem Religiosa que é:

a) — Área destinada a pátio do seminário, bem como utilizada para diversos fins inclusive agrícola para manutenção dos seminaristas;

b) — A situação do imóvel, local privilegiado, de boa topografia, terrenos valorizadíssimos;

c) — Valor venal, ou seja o das ofertas já feitas à ORDEM RELIGIOSA, por vários compradores, levando-se em consideração, que as últimas propostas atingiram o valor de Cr\$ 400,00 o m<sup>2</sup> (quatrocentos cruzeiros por metro quadrado).

A área pretendida pela municipalidade é de 4.800 m<sup>2</sup> (quatro mil e oitocentos metros quadrados) que multiplicados pelo valor das últimas ofertas, ou sejam:

Cr\$ 400,00 x 4.800 m<sup>2</sup> = Cr\$ 1.920.000,00 (quatro mil e oitocentos metros quadrados multiplicados por quatrocentos cruzeiros é igual a um milhão e novecentos e vinte mil cruzeiros), assim procedendo, nada mais seria feito do que respeitar o que institui o § 16 do Artigo 141 da Constituição de 1946.

Se assim não entender a Municipalidade, deve a Congregação não receber o preço depositado, requerendo todavia, a avaliação do imóvel, para os

efeitos da indenização, fazendo prova das ofertas obtidas, da necessidade do terreno para pátio do estabelecimento e parte agrícola, e das inconveniências que por certo trará o corte no patrimônio de conjunto da propriedade da ORDEM RELIGIOSA.

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1956.

*Fernando Petronilho Caldas*  
Inscrição n.º 3.201 na O. A. B.

---

## DO SERVIÇO DE PROCURATORIOS

*Antonio Leopoldino*

Estamos enviando, nestes dias, a tôdas as Entidades contempladas no Orçamento do corrente ano, cujos processos estão a cargo desta C. R. B., instruções a respeito da documentação necessária, para a habilitação e recebimento das verbas, de acôrdo com a Lei 1.403 de 1951, que regula o assunto. Damos abaixo resumidamente a relação destes documentos conforme a natureza do processo.

**SUBVENÇÕES EXTRAORDINÁRIAS:** são somente três os documentos necessários para habilitar um processo de subvenção extraordinária: 1) **Plano de Aplicação**, que poderá ser de "Equipamentos" (relação do material a adquirir, especificando os preços unitário e global) ou "plano de Obras" que é constante de plantas, orçamento e especificações das obras a serem efetuadas com a subvenção. 2) **Prova de Mandato da Diretoria**, que deve consistir em: ata de eleição feita em Cartório, ou Atestado, passado por Julz, Coletor ou Prefeito, declarando que a Entidade funciona regularmente e nomeando a diretoria da mesma. Firma reconhecida. 3) **Procuração** de acôrdo com o modelo que enviamos juntamente com a circular.

**SUBVENÇÕES ORDINÁRIAS.** Para o recebimento de subvenções ordinárias, é necessária a apresentação de: 1) **Relatório das Atividades da Instituição em 1956**; 2) **Balancete de Receita e Despesa em 1956**, constando a entrada e a saída da subvenção.

**VERBAS EM REGIME DE ACORDO**, pela Diretoria do Ensino Superior: os processos em regime de acôrdo, têm um longo andamento, motivo porque esperamos que as Entidades contempladas com subvenções desta natureza, remetam logo os documentos de habilitação, solicitados em nossa circular:

1 — **Inteiro teor dos estatutos de pessoa jurídica da entidade mantenedora**, feito ou autenticado por Cartório de Pessoa Jurídica;

2 — **Prova de legitimidade de seu representante**, constante dos seguintes documentos;

a) **Prova de Mandato da Diretoria da mantenedora**, em ata de eleição registrada em Cartório;

- b) Documento militar do Presidente da Entidade Mantenedora (fotocópia autenticada).
- c) Título Eleitoral do Presidente da Entidade mantenedora (fotocópia autenticada).

Quando o Presidente fôr estrangeiro, substituir os documentos das alíneas "b" e "c" por fotocópia autenticada da Carteira modelo 19.

3 — **Certidão negativa do impôsto de renda** da Entidade mantenedora (passada pela Delégacia Regional do Impôsto de Renda no Estado);

4 — **Prova de cumprimento da lei dos 2/3**, da Entidade mantenedora (Certidão passada pela Delegacia Regional do Trabalho);

5 — **Plano de aplicação**, em que constará a distribuição da importância pelas verbas: a) pessoal — b) material — c) equipamentos — d) obras — e) diversos.

No caso de verba com "pessoal", especificar os salários do ano passado e do corrente, mencionando, ainda, qual a parte do ordenado que será coberta; com a verba; juntar a relação do pessoal docente e administrativo com os seus vencimentos; apresentar Orçamento Geral da Escola com a estimativa da receita e discriminação da despesa em 1957 e, ainda, das relações do material a ser adquirido, com preços aproximados, não excedendo as importâncias atribuídas a cada verba.

Quando se trata de "obras", enviar Plantas, especificações e orçamento das obras a serem realizadas.

### PRESTAÇÃO DE CONTAS

No caso de a Entidade já ter sido contemplada com verba desta natureza, anteriormente, é necessário que apresente, com urgência, os comprovantes do emprêgo, em relatório que exponha minuciosamente tôdas as atividades custeadas pela subvenção objeto do Acôrdo anterior, de modo a possibilitar se verifique haverem sido atendidas as finalidades educacionais na execução do Plano de Aplicação previamente aprovado, e instruído:

a) — balanço geral da entidade mantenedora com as seguintes peças:

1) balanço patrimonial; 2) demonstração da Receita e da Despesa; 3) demonstração da Conta de encerramento do Exercício (com as variações patrimoniais, conta do resultado e despesas);

b) — pré-balanço (sommas brutas do Débito e do Crédito, referentes a todo o exercício, de título por título, ou seja, totais Devedores e Credores, de conta por conta, no Razão, conforme modelo sugerido.

Os recibos passados em nome direto da Entidade beneficiada, devem ser originais, selados na forma da lei, e relacionados pelas verbas, dêles constando claramente a natureza da aquisição ou do serviço prestado. Quando se trata de duplicata, deve vir acompanhada da respectiva fatura ou nota fiscal, quando omissa na fatura a especificação do material adquirido. Quando se trata de aquisição pagamento à vista, sem emissão de duplicata, a circunstância de VENDA A VISTA deverá constar expressamente da NOTA FISCAL, mencionando com clareza o objeto da aquisição. De cada recibo deve constar a declaração da entrega da compra datada e assinada pelo Tesoureiro e visada pelo Diretor.

## REGISTRO NO CNSS

O primeiro passo para o recebimento de uma subvenção é o registro da Entidade contemplada ou de sua mantenedora, no Conselho Nacional de Serviço Social. De acôrdo com o capítulo IV, da Lei 1.493 são os seguintes os documentos necessários para êste registro:

- 1 — Certidão do inteiro teor dos estatutos, regulamentos ou compromissos da Instituição, fornecida pelo Registro Público das Pessoas Jurídicas.
- 2 — Prova de mandato da diretoria em exercício (Atestado do juiz ou ata de eleição, em cópia de cartório).
- 3 — Preenchimento do questionário adotado pelo C. N. S. S.
- 4 — Requerimento do Presidente do Conselho, feito pela própria Instituição, ou por procurador devidamente habilitado. Preferimos que nos mandem a procuração.

## Itens do questionário do C. N. S. S.

Título da Instituição — Sede — Data de fundação — Data em que adquiriu personalidade jurídica e n.º de registro — Decretos de reconhecimento de utilidade pública (federal ou municipal) — Recebe subvenções oficiais? — Quanto? — A Instituição tem patrimônio? — Como está representado? — O patrimônio produz renda? — Quanto? — Qual a modalidade da Instituição? — (se puramente caritativa — se os benefícios se limitam aos sócios e famílias — se é sociedade anônima — se é comercial) — A Diretoria é remunerada? — Com quanto cada diretor? — Qual a Diretoria atual e quando finda o seu mandato? — A Instituição remete dinheiro para fóra do país? (para onde, para quem e para que fim) — Quais os serviços gratuitos de assistência social que presta a Instituição?

**Observações :**

A Instituição pode ter patrimônio e produzir rendas, contanto que não sejam suficientes. Deve ser caritativa, de cultura ou assistência social e seus benefícios se distribuem a qualquer pessoa, dentro de seu programa de ação. A Diretoria não é remunerada.

## NOVAS FUNDAÇÕES

São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul — O Revmo. Pároco oferece a algum instituto de Religiosas Educadoras o ginásio feminino da cidade, que está funcionando com a matrícula de 130 alunas, e goza de subvenção da Prefeitura Municipal. Passa-se imediatamente ao Instituto que aceitar o munus a propriedade integral do terreno com suas benfeitorias, com o valor ao menos de um milhão de cruzeiros, e também preparar-se-ão os cômodos especiais para as Irmãs, que poderão contar com capelão fixo e gozarão de assistência contínua. O terreno está situado no centro da cidade, perto da Igreja Matriz e da praça principal. A cidade é dotada de bom clima e fáceis comunicações; conta 8.000 habitantes e o município mais de trinta mil. E' um campo fértil para

vocações; a população é acolhedora e está pronta a ajudar as Irmãs em tôdas as necessidades que tiverem, principalmente no início.

**Lavras do Sul, Rio Grande do Sul** — A Matriz de Santo Antônio, por intermédio de seu Pároco, oferece a uma Congregação de Irmãs o pequeno hospital da Paróquia, oferecendo-se a auxiliar em tudo o que fôr necessário para a vinda e estabelecimento das Religiosas na cidade.

**Aiuuoca, Sul de Minas** — O Revmo. Pe. Vigário quer entregar a administração do Hospital a uma Congregação Religiosa. O hospital possui 30 leitos para indigentes, 8 quartos para contribuintes, sala de operações, consultório e capela. Há um pavilhão para as Irmãs com 6 quartos.

**São Joaquim, Santa Catarina** — A Presidência da Associação Beneficente Bento Carvalho solicita a vinda de ao menos 3 Irmãs para a administração do Hospital de Caridade. O pedido é recomendado pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Daniel Hostin O. F. M. Assegura-se a assistência espiritual às Religiosas.

**São Lourenço, Minas Gerais** — Há grande necessidade da fundação de um ginásio dirigido por uma Congregação religiosa. O ginásio local, em mãos de leigos, sendo fraco em matéria de ensino não satisfaz a ninguém. Os teosofistas já têm escola com curso primário e admissão, existindo o perigo de se apoderarem do ginásio existente, com graves consequências para a educação religiosa da mocidade. O Revmo. Pe. Vigário oferece um terreno de 6.000 m<sup>2</sup> que domina a cidade, numa esplêndida posição. Um bom ginásio religioso terá na cidade futuro esplêndido.

**Araçatuba, São Paulo** — A Assistência Social Nossa Senhora Aparecida, com finalidades amplas de caridade, possui uma "Casa da Criança", para crianças pobres e abandonadas, abrigando atualmente mais de 80 meninos e meninas até 7 anos. Procura-se uma Congregação Religiosa que tome conta da mesma. A Diretoria está disposta a doar a Casa da Criança à Congregação. Possui um ótimo e moderno prédio com bom terreno e um valioso patrimônio.

**Lima Duarte, Minas Gerais** — Estação da Central do Brasil, a poucas horas de Juiz de Fôra — Possui um ginásio, já em funcionamento, com duzentos alunos. Deseja passar a uma Congregação religiosa masculina, fazendo doação, de todo o patrimônio. Há possibilidade de ampliar os edifícios, e de instalar uma casa de formação. A cidade faz questão sómente do externato, para os meninos do lugar.

# COMUNICAÇÕES

## SEMANA DE ESCLARECIMENTO SOBRE VOCAÇÕES

Conforme tivemos oportunidade de noticiar anteriormente, a C. R. B. fez-se promotora de uma "Semana de esclarecimento sobre o estado religioso e sacerdotal", realizada no Distrito Federal em meados de novembro. A finalidade não era outra se não esclarecer e orientar os católicos a respeito do divino chamado ao estado da perfeição, especialmente agora que existem tantos movimentos de orientação para o estado conjugal, de modo que nossos fiéis têm mais conhecimento acerca da importância do matrimônio do que da vida religiosa e da missão do Sacerdote ou da Irmã.

A exposição das atividades das Ordens e Congregações religiosas teve lugar na sala das exposições da A. B. I., ficando aberta ao público de 4 a 12 de novembro. Foi organizada por uma comissão de religiosas, sob a direção artística de Dom Geraldo Martins O. S. B., e a orientação técnica de nosso Departamento de Estatística que forneceu dados sobre a situação dos Religiosos do Brasil, com gráficos, quadros e mapas, enquanto o resto apresentava, através de fotografias e quadros, o gênero de vida e atividades de cada instituto. Tomaram parte cerca de 40 Congregações das que têm casa no Distrito Federal, e foi visitada por numerosos grupos de alunos de colégios católicos e povo em geral. O resultado alcançado foi ótimo. Tivemos que observar a admiração de muitos dos visitantes em constatar a grandeza e amplitude de tantas obras desconhecidas pelo numeroso público que, pelo contrário, deseja e quer realmente ter o maior conhecimento de quanto os religiosos realizam.

Em todas as Paróquias do Rio de Janeiro, a pedido de Sua Emcía. o Sr. Cardeal Arcebispo, as pregações, no dia 4 e dia 11, foram relativas ao tema. Também nos educandários dirigidos por religiosos o assunto foi bastante focalizado, tendo sido promovidas conferências e preleções, realizados festivais e sessões acadêmicas e outras iniciativas que poderiam ter contribuído para o maior esclarecimento de nossa mocidade estudantil a respeito do assunto.

A Campanha de opinião pública, através da imprensa, rádio e televisão, foi muito intensa. Numerosos foram os artigos publicados durante esses dias nos vários jornais e revistas da capital, além de uma entrevista coletiva à imprensa concedida pelo Secretário Geral da C. R. B., que se manifestou a respeito desta nova iniciativa da Conferência e do problema das vocações religiosas e sacerdotais em nossa pátria, baseado em números de estatísticas. Oito emissoras de rádio se prontificaram e divulgaram textos previamente preparados por religiosos, como também a televisão entrou em campo, com a realização de 4 programas a respeito.

As atividades foram encerradas na tarde do domingo, dia 18, com uma Sessão Literário-Musical realizada, em conjunto com a Obra Arquidiocesana de Vocações Sacerdotais, que naquele dia celebrava o "Dia das Vocações", no Teatro Municipal. Presidida pelo Exmo. Sr. Nuncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, contou com a presença de Dom Carlos Coelho, Bispo de Niterói, que foi o orador do dia, Dom Othon Motta, Bispo Auxiliar, e Dom Martin Michler, Presidente da C. R. B., de numerosos deputados e senadores, autoridades e numerosíssimo público que lotou completamente aquele teatro. A palavra brilhante de Dom Carlos Coelho, e um côro falado por um grupo de 60 reli-

gias foram a parte culminante da sessão, juntamente com o relatório do Diretor Arquidiocesano da O. V. S.; a parte artística constou de várias peças ao piano e cantos pelos "Canarinhos de Petrópolis".

A iniciativa comprovou plenamente a necessidade de que nossa vida, nosso trabalho, nossas realizações sejam mais conhecidas, e a Conferência está decidida a renovar anualmente este trabalho de propaganda e de esclarecimento das consciências, dando-lhe até um caráter nacional, mais do que regional, como foi desta vez. Sómente sendo mais conhecidos poderemos contar com mais vocações.

#### CURSOS DE FÉRIAS PARA RELIGIOSOS

Além dos Cursos de Desenho, Estatística, e da Semana de Ação Católica, programados para os meses de janeiro e fevereiro, mais um curso vai ser promovido pela C. R. B.: um Curso de Deontologia para enfermeiras não diplomadas (auxiliares e práticas). Será realizado no Rio de Janeiro, na sede do Departamento de Assistência à Saúde da C. R. B., Santa Casa de Misericórdia, Rua Santa Luzia, 206, a começar do dia 7 de janeiro, principalmente para as Religiosas que se encontram no Rio de Janeiro, com aulas pela tarde, para que de manhã possam atender aos trabalhos dos próprios hospitais.

#### REUNIÃO DAS DIRETORAS DE ESCOLAS DE ENFERMAGEM

Ficou programada uma reunião de todas as Diretoras das Escolas de Enfermagem para o próximo mês de janeiro (dia 15 a 22), no Departamento de Assistência à Saúde, para serem tratados assuntos de grande importância e de muito interesse para as Religiosas enfermeiras e as Escolas por elas dirigidas. Espera-se o comparecimento de todas, dada a gravidade das resoluções a serem tomadas, pelo que espera-se a maior compreensão e colaboração das Madres Provinciais e Gerais.

#### DA SECÇÃO ESTADUAL DO CEARÁ

"... Agora algumas notícias: O Presidente atual é o Revmo. Padre Monteiro da Cruz S. J.

Além dos preparativos para a Semana de Estudos, a Diretoria está tratando também de criar o Departamento de Educação e Ensino, confiando a direção do mesmo aos Maristas e às Salesianas.

Resolvemos igualmente fundar um núcleo da Secção em Crato, com a participação das Comunidades de Juazeiro, Barbalha e Milagres, tendo sido marcado o primeiro encontro para o próximo dia 4 de novembro.

Enviamos a todas as Casas Religiosas do Estado, uma cópia das "normas" traçadas no Congresso para as Secções Estaduais.

Na sede do Departamento de Serviço e Assistência Social está funcionando, aos sábados, um Curso de Auxiliares Sociais para Religiosas que trabalham com menores.

As reuniões mensais estão sendo feitas regularmente e nota-se grande interesse das Religiosas pelos assuntos apresentados pelos conferencistas..."

## DA SECÇÃO ESTADUAL DE PERNAMBUCO

“... A Diretoria resolveu que, além do curso de três anos de Catequética, em pleno funcionamento, nas Dorotéias, haverá o de um ano. Esta idéia teve plena aceitação entre as comunidades. Creio que haverá umas 80 inscritas.

O Departamento de Serviço e Assistência Social tenciona para o ano dar um curso regular de auxiliares de Serviço Social, também com grande aceitação das Religiosas...”.

## DISCO LONG-PLAY COM O PROGRAMA DE CANTO DA SEMANA SANTA

O Instituto Pio X do Rio de Janeiro, atendendo aos numerosos pedidos que lhe foram dirigidos, e por iniciativa da Confederação Católica Arquidiocesana, fez a gravação do programa de Canto Gregoriano da Semana Santa em disco long-play, que muito poderá servir para ensaios de canto dos Sacerdotes, dos Côros e do povo. O disco contém os seguintes cantos:

Face A — Domingo de Ramos: Hosanna Filio David, Pueri Hebreorum, Occurrunt turbae, Cum Angelis, Turba multa, Coeperunt, Gloria Laus, Quinta Feira Santa; Intróito: Nos autem gloriari, Gradual: Christus factus est, Ofertório; Dextera Domini, Prefácio da Cruz, Sactus IV, Pater Noster, Agnus Dei IV, Comunhão: Dominus Jesus.

Face B: Lumen Christi, Exultet, Kyrie I, Gloria I, Sanctus I, Agnus Dei I, Ite Missa est.

Preço do disco: Cr\$ 300,00. Os pedidos devem ser dirigidos à Confederação Católica Arquidiocesana do Rio de Janeiro, Rua São José, 90 - sala 2.108.

## NOSSAS SECÇÕES ESTADUAIS

A pedido de alguns interessados publicamos os endereços das sedes das Secções Estaduais da C. R. B. para que seja facilitado o intercâmbio epistolar entre elas e também entre os religiosos e as mesmas.

- Alagoas — Colégio SS. Sacramento  
Rua Angelo Neto, 163 — Faról  
MACIEIO — AL
- Amazónas — Colégio Dom Bosco  
Avenida Epaminondas, 72  
MANAUS — AM
- Bahia — Colégio Nossa Senhora das Mercês  
Avenida Sete de Setembro, s/n  
SALVADOR — BA
- Ceará — Colégio Imaculada Conceição  
Praça Figueira de Melo, 55 — Aldeota  
FORTALEZA — CE

- Espírito Santo — Cúria Diocesana  
Praça da Catedral  
VITÓRIA — ES
- Goiás — Colégio Santo Agostinho  
Rua 56, n.º 22  
GOIÂNIA — GO
- Maranhão — Escola de Serviço Social  
Rua Rio Branco, 14  
SÃO LUIZ — MA
- Mato Grosso — Colégio Nossa Senhora Auxiliadora  
Rua Pedro Celestino, 1436  
CAMPO GRANDE — MT  
Liceu Salesiano São Gonçalo  
Rua Dom Aquino — C. P. 205  
CUJABÁ — MT
- Pará — Colégio Nossa Senhora do Carmo  
Praça do Carmo  
BELÉM — PA
- Paraíba — Escola de Serviço Social  
Casa do Calvário — Av. General Osório s/n  
JOÃO PESSOA — PB
- Paraná — Colégio Sagrado Coração de Jesus  
Avenida Iguazú, 1550  
CURITIBA — PR
- Pernambuco, — Convento do Carmo  
Pátio do Carmo, 10  
RECIFE — PE
- Rio Grande do Norte — Instituto Filosófico São João Bosco  
Rua Junqueira Aires, 335 — Ribeira  
NATAL — RGN
- Rio Grande do Sul — Pontifícia Universidade Católica  
Praça Dom Sebastião, 2  
PORTO ALEGRE — RGS
- Santa Catarina — Colégio Coração de Jesus  
Rua Saldanha Marinho, 120  
FLORIANÓPOLIS — SC
- Sergipe — Escola de Serviço Social de Sergipe  
Rua da Estância, 228  
ARACAJU' — SE

# BIBLIOGRAFIA

**PSICOLOGIA E PASTORAL**, por J. Nuttin, H. Widart, J. Vieujean, L. Founeau, L. Evely e D. Joos. Agir, Rio de Janeiro, 1956, 185 pp.

É com particular satisfação que anunciamos a tradução destas seis conferências, pronunciadas por Sacerdotes, peritos na matéria, durante uma Semana de estudos do Clero belga, sobre um tema de palpitante atualidade. Não apenas Professores de Teologia moral e pastoral, mas os Padres em geral e ainda muitas superiores religiosas, tomarão com grande proveito conhecimento das criteriosas e muitas vezes luminosas idéias sobre 1) a psicologia e o Padre, 2) reflexos sobre a natureza da atividade livre, 3) o sentido do pecado e suas interpretações falsas, 4) o Padre Professor, 5) psicologia e vocação sacerdotal, e 6) psicologia e oração.

Os autores guardam o justo meio entre dois excessos, afastando-se tanto da demasiada desconfiança quanto da excessiva confiança na psicologia.

Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.

**CIRCULOS DE SOLIDARIEDADE**, Anotações para uma orientação coletiva da Vida Interior que atenda a seculares. Cuiabá, Catedral Metropolitana, 1954, 64 pp.

Irmã Assunta Volpert, S. Sp. S., **AO SERVIÇO DE UM GRANDE AMOR**. Biografia da Josefa Stenmans, Co-fundadora da Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo. Tradução por uma S. Sp. S. Santo Amaro — São Paulo (Capital), Convento da Santíssima Trindade, 1956. 88 pp.

Pe. Frei Inácio Veigas O. F. M. Cap., **VIDA DE SANTA MICAELA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO**, Fundadora do Instituto de Adoradoras. Traduzida pelo Pe. Antônio Pires Marques, C. M. F. Vila Nova de Famalicão, Grandes Oficinas "Minerva", 1948 632 pp.

Pe. Frei Zacarias de São Mauro, Min. Prov. O. F. M. Cap., **CARTA PASTORAL** no encerramento da Visita Canônica à Custódia Provincial dos Capuchinhos do Paraná e Santa Catarina. Custódia Provincial dos Padres Capuchinhos do Paraná, 1955, 34 pp.

**CONSPECTO DA PROVÍNCIA FRANCISCANA DE SANTA CRUZ** (Divinópolis). Junho de 1956, 32 pág.

**ATTI DEL I CONGRESSO NAZIONALE DELLA PONTIFICIA OPERA DI ASSISTENZA**, svolto in Roma, nel 1.º Decennale dell'Opera sotto l'alto Patronato di Sua Eminenza Reverendissima Il Signor Cardinale Nicola Canali, Presidente della Pontificia Commissione per lo Stato della Città del Vaticano. Roma, 16-17 aprile 1956.

## REVISTAS E BOLETINS ENVIADOS À REDAÇÃO

VOZES DE PETRÓPOLIS. Revista Católica de Cultura. Fundada em 1907. Editora Vozes Ltda. Caixa Postal 23, Petrópolis, R. J.

ECO SERÁFICO. Órgão da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis, das Missões e da Obra das Vocações Franciscanas, R. J.

O APÓSTOLO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO. Revista mensal religiosa, eucarística, Padres Sacramentinos, rua Júlio do Carmo, 22 — Rio de Janeiro.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DAS SEMANAS EUCARÍSTICAS. Publicação Trimestral. Padres Sacramentinos, rua Sta. Ifigênia, 33 — S. Paulo.

MÚSICA SACRA. Revista bimestral. Editora Vozes Ltda. Caixa Postal 23 — Petrópolis, R. J.

CARTA AOS PADRES. Revista mensal. Propriedade de "Ação Social", rua Vergueiro, 165 — São Paulo.

REPARAÇÃO. Revista bimestral, Órgão da Pia Associação "Adveniat Regnum tuum" ou seja "Apostolado de Reparação". Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Rua Carolina Santos, 143 — Rio de Janeiro, Meier.

AGÊNCIA MARIANA. Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria — C. P. 153 — Curitiba.

AGÊNCIA MISSIONÁRIA SALESIANA. Instituto Teológico Pio XI. Rua Pio XI, 1024 — S. Paulo (Lapa).

A VOZ DE S. ANTÔNIO. Órgão da família, da Escola e da boa literatura. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, Caixa Postal 23.

REVISTA GREGORIANA (Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes). Instituto Pio X do Rio de Janeiro, rua Real Grandeza, 108 — D. F.

## ORÇAMENTO DA UNIÃO PARA 1957

Suplemento, contendo somente as verbas federais para instituições de educação, assistência social e assistência à saúde. Edição especial da Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Preço: Cr\$ 40,00 (Pedidos acompanhados do respectivo valor, em cheque pagável no Rio de Janeiro, vale postal, ou valor declarado).